



VOZ DA FÁTIMA

Maria levantou-se e partiu apressadamente

EDITORIAL

Um espaço que nos desafia a descentrar

Pe. Carlos Cabecinhas

O Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado do Vaticano, preside pela segunda vez a uma peregrinação Internacional Aniversária no Santuário de Fátima: depois de outubro de 2016, maio de 2023. Além disso, acompanhou o Papa Francisco em maio de 2017, no Centenário das Aparições, quando o Pontífice veio pela primeira vez a Fátima. Pouco tempo depois, a Revista Cultural Fátima XXI (n.º 7, junho 2017) publicava uma entrevista do Cardeal Parolin, que fui reler na preparação desta Peregrinação de maio. Nela, o Secretário de Estado do Vaticano falou de Fátima e da sua importância; refletiu sobre o contributo de Fátima para a paz; e deixou também interessantes desafios, recordando nomeadamente a missão dos santuários como lugares de evangelização e de forte experiência de Deus. É este aspeto que pretendo refletir convosco.

Na referida entrevista, o Cardeal Parolin afirmava que os Santuários têm “a tarefa de levar as pessoas a descentrarem-se” de si mesmas, evitando um certo “consumismo espiritual” e o individualismo que acompanha frequentemente os percursos e experiências espirituais de muitos dos nossos contemporâneos. Hoje, de facto, assistimos a uma progressiva privatização da experiência espiritual, cada vez mais alheada da experiência comunitária e eclesial e cada vez mais centrada no próprio indivíduo. Daí que um dos grandes desafios aos santuários cristãos seja, hoje, o de proporcionar uma forte experiência de encontro com Deus, capaz de fazer romper os limites estreitos do “eu” e de abrir a pessoa a Deus, aos outros e à casa comum que habitamos: é tarefa dos santuários, afirmava o cardeal, levar as pessoas “a iniciarem um percurso de fé que tenha como centro Cristo, a Igreja, a humanidade e a própria criação, a empreender o percurso da caridade, o percurso do serviço”.

Aqui, em Fátima, isso acontece por intermédio de Nossa Senhora e dos santos Pastorinhos: quer a mensagem de Fátima, quer os seus protagonistas desafiam-nos a sairmos do nosso egocentrismo e a darmos verdadeiramente lugar a Deus na nossa vida, no nosso dia a dia, seja através da oração individual ou comunitária, seja através da participação na Eucaristia ou no Sacramento da Penitência, seja por meio da mensagem transmitida pelo Anjo da Paz ou por Nossa Senhora. A experiência de Igreja e da sua universalidade, que se faz, de tantos modos, em Fátima, é também contributo relevante para uma significativa e marcante experiência de fé. Por outro lado, a Mãe do Senhor, “mulher pronta e decidida no peregrinar ao encontro do outro” (Cardeal Parolin), exortou os Pastorinhos e desafia-nos a nós a darmos lugar aos outros, vencendo em cada dia a indiferença diante do sofrimento de quem nos cerca, rejeitando a “cultura do descarte”, para usar a expressão do Papa Francisco. Por fim, Fátima, embora não nos fale explicitamente de questões ecológicas, abre-nos perspectivas de vivência daquela “ecologia integral” a que o Papa nos vem exortando e desafia-nos a cuidarmos da criação, nossa casa comum. Nestes diversos aspetos e dimensões se concretiza o importante contributo de Fátima – acontecimento, mensagem e protagonistas – para a nova evangelização.

Maio: as aparições e o rosário

Cardeal Pietro Parolin preside às celebrações que evocam a primeira aparição de Nossa Senhora aos Pastorinhos, numa altura em que o mundo católico espera pela publicação do decreto que confirme as virtudes heroicas da vidente Lúcia, cujas Memórias fizeram chegar mais longe o essencial da mensagem celeste deixada em 1917.

Carmo Rodeia

A Peregrinação de maio será presidida pelo cardeal Secretário de Estado, D. Pietro Parolin. Preside agora em maio, como presidiu em outubro de 2016, antes da vinda do Papa por ocasião do Centenário das aparições. Francisco é esperado na Cova da Iria em agosto.

O tema da peregrinação, como todo o ano pastoral do Santuário, está intimamente ligado ao tema proposto pelo Papa Francisco para a Jornada Mundial da Juventude de Lisboa (JM), que se realizará de 1 a 6 de agosto: “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39).

Neste dia 13, os símbolos da JM – a cruz e o ícone mariano Salus Populi Romani – far-se-ão igualmente peregrinos deste Santuário ao descerem do topo do Recinto até à Capelinha das Aparições, onde se esperam inúmeros jovens, sobretudo da diocese de Leiria-Fátima que os acolhem durante este mês de Maria, especialmente dedicado ao rosário. Na madrugada do dia 13, os símbolos integram uma Via-Sacra jovem aos Valinhos, lugar familiar aos jovens videntes que ali presenciaram também as aparições do Anjo, na primavera e no outono, e a de Nossa Senhora em agosto.

Nesta peregrinação de maio, que inaugura as grandes celebrações evocativas das seis aparições, há uma matriz vocacional subjacente ao acontecimento de Fátima e à mensagem que ela revela. A 13 de maio de 1917, três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta de 10, 9 e 7 anos respetivamente, cuidavam de um pequeno rebanho na Cova de Iria. À volta do meio-dia, depois de terem rezado o Terço,

apareceu-lhes uma «Senhora mais brilhante que o sol» com um rosário branco entre as mãos. E começou uma apaixonante conversa entre a Virgem Maria e Lúcia – «De donde é Vossemecê?» – «Sou do Céu», foi a resposta. Depois veio a pergunta decisiva: «Quereis oferecer-vos a Deus?» E os três disseram «sim, queremos». Entre maio e outubro sucederam-me seis aparições de Nossa Senhora. Pediu-lhes que rezassem o Terço todos os dias, e que fizessem penitência. Duas mensagens atuais, que os peregrinos renovam na Cova da Iria.

Este ano assinala-se o 21.º aniversário da Carta Apostólica Rosarium Virginis Mariae, sobre o Rosário, assinada por João Paulo II, a 16 de outubro de 2002, dois anos depois da beatificação dos dois primeiros santos de Fátima, Francisco e Jacinta Marto: “O Rosário, de facto, ainda que caracterizado pela sua fisionomia mariana, no seu âmago é oração cristológica. Na sobriedade dos seus elementos, concentra a profundidade de toda a mensagem evangélica, da qual é quase um compêndio. Nele ecoa a oração de Maria, o seu perene Magnificat pela obra da Encarnação redentora iniciada no seu ventre virginal. Com ele, o povo cristão frequenta a escola de Maria, para se deixar introduzir na contemplação da beleza do rosto de Cristo e na experiência da profundidade do seu amor. Mediante o Rosário, o crente alcança a graça em abundância, como se a recebesse das mesmas mãos da Mãe do Redentor”, afirma o Papa polaco na referida Carta.



“Este lugar torna-se significativo para os cristãos e para o mundo por essa dimensão materna que Fátima personifica” e, por isso, “torna-se sinal profético dessa capacidade de convivência humana”

No recomeço de mais um ciclo anual de peregrinações internacionais anuais, depois de três anos marcados pela pandemia, pela crise económica e pela guerra, durante os quais Fátima, tantas vezes, foi chamada à primeira linha do protagonismo dentro da Igreja, como aconteceu com o Ato de Consagração da Ucrânia e da Rússia ao Imaculado Coração de Maria, devoção central na mensagem de Fátima, o jornal Voz da Fátima foi ao encontro do reitor do Santuário. Desta conversa, que pode ser acompanhada em www.fatima.pt, ou no canal do Youtube do Santuário, o padre Carlos Cabecinhas fala do Santuário e dos seus desafios; de Lúcia e da vontade de ser instrumento para o conhecimento do seu carisma; da Igreja e dos esforços que deve fazer para reconquistar a confiança e a relevância necessária para um mundo melhor; do clericalismo, que ainda impede a verdadeira consideração dos leigos, e da JMJ que está à porta e que este ano balizou a pastoral da Cova da Iria, um lugar de paz e de diálogo.

Um santuário internacional, em que os portugueses se revêem

A expectativa que tenho para este ano é que possamos regressar em termos de presença de grupos estrangeiros organizados aos números pré-pandemia. Já é evidente a recuperação da presença habitual de peregrinos vindos da Coreia do Sul, como é também a presença habitual de grupos vindos das Filipinas – para dar apenas dois exemplos –, mas também do continente americano [...]. Tivemos um regresso muito rápido de espanhóis e de polacos e um regresso mais lento, por exemplo, de italianos [...]. Sem dúvida que a grande presença é de peregrinos portugueses. Já era assim antes e continua a ser. E durante o tempo de pandemia foram também os peregrinos portugueses que asseguraram sempre a presença aqui no recinto do Santuário.

Agosto: peregrinos da saudade cruzam-se com o Papa pela primeira vez

A presença do Papa em Fátima será um momento particularmente importante neste contexto da própria Jornada Mundial da Juventude. É a primeira vez que o Papa estará presente em Fátima, fora de um dia 12 e 13 de maio. Obviamente que, por esse mesmo motivo, o Santuário tem vindo a preparar-se para acolher os jovens que virão para a Jornada Mundial da Juventude marcada pelo Papa, sem nunca esquecer, os restantes peregrinos. Estou convencido de que para muitos emigrantes será um atrativo muito especial visitar Fátima, por ocasião da vinda do Papa. Habitualmente não podem vir, porque é em maio e ainda estão a trabalhar nos países de residência. Este ano poderão fazê-lo, e não quererão, com certeza, perder essa experiência de estar em Fátima quando o Papa aqui vier.

A JMJ, o Papa e Fátima

Eu creio que há uma primeira expectativa que se prende com o contexto da Jornada Mundial da Juventude, e esta será uma oportunidade única para projetar Fátima também junto dos mais jovens. Portanto, a minha expectativa é que a presença do Papa seja um impulso forte na difusão de Fátima junto dos mais jovens, nomeadamente dos



jovens que virão para a jornada. Por outro lado, a presença do Papa Francisco que, sabemos, é um Papa particularmente amado e estimado, não apenas pelos cristãos, mas até por aqueles que não partilham o mesmo credo, a mesma fé, é também uma forma de projetar Fátima noutros ambientes em que eventualmente Fátima seja menos conhecida. Por isso, tenho expectativas elevadas em relação àquilo que é o potencial de difusão de Fátima com mais esta visita do Papa Francisco.

Lugar de acolhimento que contribui para a paz

Creio que a mensagem de Fátima tem uma dimensão profundamente intra-eclesial, ou seja, é dirigida ao povo de Deus e tem a ver com esse lugar de Deus na vida dos crentes. Mas tem também uma dimensão que ultrapassa esse horizonte, uma vez que é uma mensagem de paz, e a paz é uma realidade que vai muito além daquilo que são os limites da própria Igreja [...]. Nossa Senhora vem aqui para falar de Deus e do lugar que só Ele pode ocupar na vida do crente. Mas, por outro lado, vem também falar de paz, da importância da paz e da necessidade de cultivar essa mesma paz. E isso é particularmente significativo para quantos aqui vêm. Este lugar torna-se significativo para os cristãos, torna-se significativo para o mundo, também por essa dimensão materna que Fátima personifica, que Fátima encarna [...]. Nós acreditamos que a vontade de Deus é a paz e que a paz é o grande dom de Deus. E, por isso, nós cristãos sentimos a urgência de rezar pela paz. E este é um lugar que nos recorda permanentemente a necessidade de rezar pela paz.

Sendo este um lugar de confluência de povos diversos e de essas confluência e convivência resultar um sinal de paz, diria que esta dimensão internacional de Fátima é um contributo efetivo à paz, como lugar de encontro, como lugar de comunhão na diferença. A guerra surge sempre fundamentalmente da impossibilidade ou da incapacidade da sã convivência com os outros [...]. Fátima torna-se, deste modo, sinal profético dessa capacidade de convivência humana e, por isso, desafio a cultivar, fora deste espaço físico do Santuário, essa mesma dimensão de respeito e convívio com os outros. Por alguma motivo se tem insistido na designação de Fátima como Cidade da Paz

A diplomacia da Igreja

Eu creio que, do ponto de vista diplomático, já existe uma intervenção que muitas vezes é discreta, tão discreta que não chega a tornar-se conhecida ou a vir para as notícias. Veja-se em relação à Ucrânia, em que, desde o início, o Papa tem, repetidas vezes, oferecido os seus préstimos para pôr em diálogo aqueles que estão envolvidos nesta guerra e para procurar soluções de paz. E acho que o tem feito. Vejam-se outros conflitos que têm sido mediados pela própria Igreja. Agora, sem dúvida, nunca podemos dar-nos por satisfeitos. E eu creio que nunca podemos dizer que a Igreja já fez tudo o que podia fazer pela paz. A paz continua a ser um desafio permanente a todos os níveis, a começar pela própria sociedade. A Igreja podia ter um papel mais ativo no sentido de procurar essa reconciliação, que é fundamental para diluir algumas tensões que vão aparecendo também nas nossas sociedades. Creio que vivemos num mundo

cada vez mais polarizado, e a Igreja não pode, de forma alguma, ser ou estar num dos polos. A Igreja tem a missão de procurar precisamente pacificar e evitar esse extremar de posições. E é nesse aspeto que me parece que, mesmo a este nível nacional, mesmo em Portugal, a Igreja poderia e deveria ter um papel mais ativo de pacificação e de alívio deste tipo de tensões que acabam por dar sempre origem a alguma divisão na própria sociedade.

Uma Igreja presente no mundo sem se mundanizar

O grande engano em relação à relevância da própria Igreja nestas nossas sociedades tem que ver com aquela ilusão de se pensar que a insistência na instituição e nos aspetos institucionais é que nos dará relevância. Eu creio, pelo contrário, que a relevância está naquilo que foi e que é o testemunho da vivência do Evangelho, isto é, a nossa relevância conquista-se na medida em que soubermos viver o Evangelho de Jesus Cristo neste mundo concreto. Creio, também, que muitas vezes a perda de relevância está ligada diretamente a este nosso medo que leva a Igreja a fechar-se tantas vezes em si mesma como uma fortaleza que se sente de alguma forma sitiada e que, por isso, se defende. Deste modo, aquilo que pode dar relevância à Igreja é aceitar ser posta em causa e aceitar entrar em diálogo, a partir do Evangelho, com aqueles que são os problemas que afetam as pessoas que afetam as nossas sociedades.

A relevância decorre da confiança. Em Portugal estamos num período particularmente doloroso para a Igreja, com toda a questão dos abusos sexuais sobre menores por parte de membros da Igreja ou em contexto eclesial. Temos, necessariamente, de reconquistar a confiança das pessoas. Há um outro aspeto em que essa recuperação da relevância da Igreja se joga. Nós – quando digo nós, falo de nós próprios, clérigos – continuamos a ter visões demasiado clericais da própria Igreja, continuamos a dizer que somos todos Igreja e que a Igreja não é apenas o papa, os bispos e os padres, mas a verdade é que temos depois uma dificuldade prática enorme em tomar verdadeiramente a sério todos os restantes membros da Igreja, que são a esmagadora maioria, como uma voz da Igreja. E eu creio que o Sínodo, nesse aspeto, veio procurar dar voz à própria Igreja em todos os seus membros, e pode ser um sinal profético deste caminho que a Igreja tem de percorrer, também em Portugal, também neste meio, que é o caminho de dar efetivamente um lugar relevante aos leigos, não porque a hierarquia precise

de apoio, mas porque essa voz pertence efetivamente a essa grande e esmagadora maioria dos cristãos, que são a Igreja.

Santuários: escolas de oração, fé e caridade

Os santuários têm um grande mérito, que é a possibilidade de atrair para uma experiência forte de fé, mesmo quando não há na vida daqueles que nos procuram um enquadramento eclesial, uma vivência, um sentido de pertença particularmente profundos. Nós assistimos nas nossas sociedades cristãs a este fenómeno de muita gente que vive a sua fé, mas que não se sente confortável com o enquadramento institucional. E, os santuários, muitas vezes são a única forma de vivência dessa religiosidade. São um momento por excelência, de vivência dessa forma de fé, que é uma forma absolutamente digna e respeitável de vivência da própria fé. Os santuários, e o Santuário de Fátima em particular, têm, a esse nível, um papel absolutamente único, que é o de acolher não apenas aqueles cristãos que habitualmente já são presença habitual nas nossas paróquias, nas nossas igrejas, nas nossas instituições, mas também de acolher todos os outros que não têm um sentido de pertença, mas que sentem, neste lugar precisamente, a possibilidade de uma forte experiência de fé.

E, nesse aspeto, os santuários podem ajudar e dar um contributo decisivo na recuperação da própria relevância da Igreja na sociedade em que vivemos. Diria que este é lugar de escuta num duplo sentido: é lugar de escuta, porque as pessoas vêm e precisam de ser escutadas e acolhidas na sua fragilidade, e é também um lugar que as pessoas sentem como a sua casa.

É muito interessante que o que, em 2017, no dia 13 de maio, o Papa Francisco me disse, num breve diálogo, foi precisamente isso: que não deixasse nunca de recordar aos confessores, aos capelães, mas também aos colaboradores do Santuário, que este era um lugar de misericórdia e que a misericórdia teria de ser sempre a marca do próprio Santuário.

Esperança de olhos postos no Jubileu de 2025

Gostaria, em primeiro lugar, de sublinhar que nos agradou muito a escolha do tema. Ficámos bastante satisfeitos com a proposta do tema “Peregrinos da Esperança”. Porquê? Porque, de facto, se este tema retrata aquilo que é a vivência do Jubileu, retrata também aquela que

é a realidade deste lugar, a realidade do Santuário de Fátima. Aquilo que procuraremos fazer é, antes de mais, assumir as temáticas de preparação para a própria vivência do Jubileu que a Santa Sé propõe e, por outro lado, viver profunda e intensamente o ano do Jubileu. Nós vamos adotar no Santuário essa mesma temática e procurar levar os peregrinos a fazerem a experiência do santuário como lugar de esperança, mas também a procurar, de alguma forma, levar a esperança além daqueles que são os limites físicos deste lugar.

A serva de Deus e as suas virtudes heroicas

Lúcia é figura incontornável em Fátima e na mensagem de Fátima. Foi uma mulher de fé, uma fé vivida com uma rara intensidade. Foi mulher de esperança que não apenas falou de esperança e nos deu motivos para a esperança, ela própria viveu a esperança, mesmo no meio das dificuldades que teve de ultrapassar, e foram muitas. Foi mulher de um profundo amor aos outros e a Deus; é alguém que acompanhamos no seu processo de beatificação e canonização, com especial interesse. Uma mulher com um sentido invulgar de Igreja e com uma capacidade de visão e de leitura dos sinais dos tempos que pode ser para nós absolutamente exemplar.

Habitualmente, nós associamos a clausura a um certo alheamento do mundo, e Lúcia soube e deu testemunho de uma capacidade incomum de leitura dos sinais dos tempos, com uma lucidez incrível, precisamente nesse discernir os sinais dos tempos, no mundo que lhe foi dado viver. E esse é um dos aspetos que nós hoje somos desafiados a aprender de Lúcia.

O Santuário não tem uma responsabilidade direta no processo, embora tenha todo o interesse no processo, porque entendemos que a Irmã Lúcia foi efetivamente heroica na sua vivência cristã. O seu heroísmo na vivência cristã não está diretamente ligado às aparições de Nossa Senhora, no sentido de que não é por isso que ela pode vir a ser beatificada ou canonizada, mas na forma como viveu a sua fé e na forma como foi exemplar, numa vida de escondimento.

É necessário conhecer a profundidade da vida de Lúcia. E aquilo que o Santuário se propõe fazer é, a partir do momento em que ela for declarada venerável, dar um maior relevo à figura de Lúcia e dá-la a conhecer, ajudar os peregrinos a conhecerem mais em profundidade o próprio testemunho de vivência

cristã desta mulher absolutamente extraordinária. Neste momento, a expectativa é a declaração da Irmã Lúcia como venerável, que significa o reconhecimento dessa heroicidade de virtudes, e que possa acontecer ainda este ano. Gostaríamos que acontecesse neste período até à Jornada Mundial da Juventude ou que, eventualmente, fosse o Santo Padre a trazer-nos em mãos esse presente.

Uma experiência marcante em Fátima

A dimensão litúrgica, concretizada nas celebrações, é uma dimensão pastoral muito presente no Santuário. Mas queremos que os peregrinos possam experimentar outras ‘marcas’ de Fátima. Estou a pensar concretamente em propostas formativas, mas estou a pensar também em algo como as exposições: quer a exposição permanente do Museu do Santuário, quer a exposição temporária, que nos falamos de Fátima e da experiência que é possível fazer neste lugar com uma outra linguagem, com a linguagem da arte, com a linguagem do património e das ofertas feitas ao Santuário.

Tudo isto são formas pelas quais o Santuário procura chegar a quem nos visita, e procura proporcionar uma experiência forte, marcante, que faça com que aqueles que aqui vêm possam regressar ou possam levar consigo uma grata recordação de Fátima. (...) No diálogo com o tecido empresarial, o Santuário procura manter uma oferta que permita a quem queira ficar em Fátima, de facto, pensar numa permanência mais prolongada. E aí o grande contributo do Santuário foi precisamente o ter mantido sempre a sua oferta. Portanto, o Santuário procura manter sempre este abraço aberto não apenas a este mundo da cidade, onde está implantado, aqui em Fátima, mas alargando o horizonte a Portugal e ao resto do mundo, neste apoio social que procura garantir.

[...] No final deste ano pastoral gostaria que Fátima fosse lembrada, antes de mais, como esse lugar de acolhimento materno, onde cada pessoa encontra o seu lugar, onde cada pessoa se sente acolhida, onde cada pessoa se sente efetivamente acarinhada e encontra lugar de refúgio neste mundo tantas vezes inclemente em que vivemos. Eu não tenho dúvidas de que Fátima pode ser e é, sem dúvida, esse caminho para Deus. Para tantas pessoas, para tantos peregrinos que aqui vêm, Fátima é efetivamente caminho de fé, caminho para uma forte experiência religiosa, caminho para Deus.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
N.º de Registo na ERC 127626, 23/07/2021
Publicação Doutrinária

Redação e Administração

Diretor: Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas
Redacção: Gabinete de Comunicação do Santuário de Fátima
Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redacção: press@fatima.pt
www.fatima.pt

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL
*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF
Impressão
FIG, Indústrias Gráficas, S.A.
Rua Adriano Lucas, nº161 | 3020-430 Coimbra

#FÁTIMA NO SÉCULO XXI

**Irmã Maria
Rita Ornelas**

Entrevista disponível em
www.fatima.pt/podcast

Também disponível em:



“No meio do barulho das nossas vidas, das redes sociais, do Instagram ao Tik-Tok, todos temos necessidade de silêncio, de um silêncio que não seja oco ou abstrato, mas que seja um silêncio que nos aproxime de Deus. E o silêncio de Fátima convida-nos a isso”

“A pressa da Mensageira celeste e a radicalidade dos Pastorinhos” sintonizam Fátima com a JMJ

Irmã Maria Rita Ornelas, religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima integra Comité Local Organizador da Jornada, e é a convidada do podcast #fatimanoseculoXXI de maio.

Carmo Rodeia

O episódio da Visitação de Maria à prima Isabel, narrado no Evangelho de Lucas, que dá mote ao tema do ano pastoral em Fátima, e une o Santuário à Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, encontra na mensagem de Fátima um paralelismo sem precedentes: a pressa com que Maria anuncia a boa nova à prima é a mesma pressa com que a “mensageira celeste se apresenta aos Pastorinhos” e recebe de imediato “o seu compromisso”, afirma a convidada do podcast #fatimanoseculoXXI de maio, Ir.ª Maria Rita Ornelas.

A Religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima considera, por isso, que o lema da jornada “está muito próximo da Mensagem e do acontecimento de Fátima”. “Nossa Senhora apressadamente desceu do Céu à Terra para deixar uma série de mensagens à humanidade. Tal como teve pressa em visitar a sua prima Isabel também teve pressa em deixar algumas mensagens do Céu aos jovens pastores e eles, mesmo sem saberem ao que iam, disseram sim”, refere retomando o essencial do diálogo narrado por Lúcia nas suas Memórias sobre a primeira Aparição, a 13 de maio de 1917.

“Na primeira aparição, ao convite feito por Nossa Senhora – ‘Quereis oferecer-vos a Deus?’ –, os três Pastorinhos, patronos dos jovens da diocese de Leiria-Fátima que participarão na JMJ, de forma imediata, mesmo sem saberem ao que iam, disseram ‘sim’. Esta simplicidade, esta radicalidade são um exemplo para nós e devem estar presentes na vida de cada um”.

“A mensageira celeste da boa nova e, depois, os Pastorinhos, cada um à sua maneira – o Francisco contemplativo e a Jacinta que queria meter no peito de todos esse ardor de Deus que ela sentia no seu peito –, são exemplos que devem tocar, e estou certa de que o farão, os jovens de todo o mundo”, acrescenta a Religiosa que integra o Comité Local Organizador da Jornada Mundial da Juventude, que decorrerá em Lisboa de 1 a 6 de agosto.

Ainda a propósito do significado da Mensagem e do exemplo dos protagonistas de Fátima para o mundo contemporâneo, a Ir.ª Maria

Rita recorda Lúcia, “a pastora, que dá sempre a primazia a Deus, que nunca fala de si e que no âmago do seu silêncio é fiel até ao fim”. O silêncio de Fátima é, por outro lado, “um atrativo para os jovens que procuram Deus”, refere.

“No meio do barulho das nossas vidas, das redes sociais, do Instagram ao Tik-Tok, todos temos necessidade de silêncio, de um silêncio que não seja oco ou abstrato, mas que seja um silêncio que nos aproxime de Deus. E o silêncio de Fátima convida-nos a isso”, enfatiza, acrescentando: “aquela Luz que envolvia Nossa Senhora é o silêncio que nós experimentamos em Fátima, e aqui reside muito a importância deste lugar”.

“A radicalidade que a Mensagem nos traz é enorme. A pergunta e a resposta iniciais são fundamentais: ‘Quereis oferecer-vos a Deus? Sim, queremos [...]’. Este ‘Sim, queremos’ é dito por cada um, à sua maneira, na sua condição, como os próprios Pastorinhos mostram: o Francisco mais contemplativo; a Jacinta mais audaz. E é dito, hoje, por cada um de nós”, e aqui “existe uma nova ligação com a JMJ”. “Neste laboratório de fé, que é cada Jornada, há um despertar vocacional: por uma experiência intensa de imersão, os jovens são convidados a questionar-se: não quem sou eu, mas para quem sou eu? Isto é fundamental, seja qual for a vocação em que estivermos a pensar”, diz a religiosa comparando com Fátima. “Alguém que procura a sua vocação encontra, em Fátima, um espaço próprio para essa descoberta”, sublinha.

“Cada pessoa tem o seu próprio caminho para chegar a Deus, e Deus faz caminho com cada um. No despertar da vocação, este é que é o mistério: na minha história, na história de cada um de nós, como é que nós e Deus fazemos caminho conjunto?!” interpela a Ir.ª Maria Rita Ornelas, natural da ilha Terceira, que professou em 2018, um ano antes de o Papa ter anunciado, na Cidade do Panamá, a realização da Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa. Licenciada em Desporto, e agora também em ciências Religiosas, a jovem religiosa coordenou o projeto “Põe-te a mexer com Jesus”, lidando com crianças dos três aos seis anos. Foi a primeira jovem açoriana, natural da paróquia da Sé, em Angra do Heroísmo, no espaço de 20 anos, a optar pela vida religiosa consagrada.

“No fim, todos estaremos em Deus:

os nossos medos e dificuldades levam-nos a ficar muito no nosso mundo, e a mensagem de Fátima leva-nos mais além”, refere no podcast #fatimanoseculoXXI, disponível, na íntegra, em www.fatima.pt/podcast ou nas plataformas iTunes e Spotify.

A religiosa acredita que uma das dimensões que pode tocar os jovens é a oração que, em Fátima, se faz pela Paz. “É uma oração pela paz pessoal, mas também para o mundo, para as nossas vidas, para as nossas relações”, refere destacando que espera que da Jornada de Lisboa saia um compromisso mais forte dos jovens para com a Igreja.

“O bom acolhimento trará bons frutos e uma maior unidade da Igreja, que já se está a experimentar com a peregrinação dos símbolos e com as dinâmicas diocesanas”. “O trabalho que temos vindo a fazer tem sido muito criativo; por outro lado, temos deixado que os jovens sonhem”. “Esta é a grande mudança de paradigma: fazer dos jovens protagonistas. E, nas Jornadas, isso tem acontecido: comprometidos com a logística, na organização propriamente dita, mas também com a responsabilidade social, no contacto com instituições e sobretudo com a Igreja naquilo que é a evangelização, promovendo encontros com outros jovens, desenvolvendo atividades com outros jovens, chamando-os a participar”.

“No meio de tanta adversidade que temos vivido, desde 2019, julgo que ‘esperança’ é a palavra: a pandemia que adiou a Jornada um ano; a crise económica que fez com que as questões financeiras fossem mais prementes e agora a guerra são fatores que interferem naturalmente, mas que nós queremos que não afetem no sentido de tornar esta Jornada menor” diz ainda.

“É um momento de festa e de alegria. Num ambiente de tanta adversidade, poderemos mostrar que a Igreja está viva e comprometida com o mundo de hoje, e os jovens são os seus protagonistas”, conclui a religiosa açoriana.

“Há um mistério que só se revelará depois da Jornada. Contudo, há vários horizontes que podemos perspetivar. Há uma estrutura relacional entre as pastorais, entre as dioceses que, estou certa, serão frutos que vamos continuar a viver no pós-jornada”, conclui.

O podcast #fatimanoseculoXXI pode ser ouvido em www.fatima.pt/podcast e nas plataformas itunes e Spotify.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Cónego Sebastião Martins dos Reis (1913-1984)

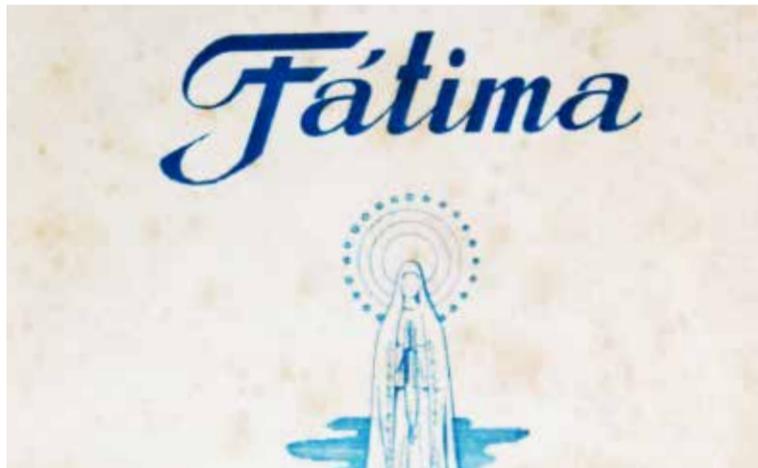
“Um cabouqueiro tenaz e infatigável”: é nesta adjetivação que é descrita a atividade relacionada com Fátima do cónego Sebastião Martins dos Reis, pela pena do padre António Maria Martins, na introdução da obra “Novos Documentos de Fátima”, onde, além da obra escrita que este protagonista de Fátima deixou, é elogiado o valioso arquivo documental por ele reunido: “uma preciosa coleção de objetos referentes aos videntes, centrada na irmã Lúcia”.

Diogo Carvalho Alves

Sebastião Martins dos Reis nasceu a 17 de fevereiro de 1913, em Vergão Fundeiro, Proença-a-Nova. Até vir a ser ordenado presbítero, em 1941, aos 28 anos, o percurso formativo levou-o de uma escola apostólica de Cáceres, em Espanha, a um convento de Guimarães da Companhia de Jesus, onde frequentou o primeiro ano de Filosofia; e o Seminário Maior de Évora, onde completou o segundo ano de Filosofia e os quatro anos de Teologia. Foi, depois, enviado, pelo bispo de Évora, para o Colégio Português em Roma, para se licenciar em Teologia pela Universidade Gregoriana e, depois, pelo Pontifício Instituto Bíblico. Regressou a Évora para ser docente no Seminário e no liceu. Foi assistente da Acção Católica, capelão do Tribunal Eclesiástico e cónego capitular da catedral.

Entre as 23 obras que publicou, entre originais e traduções, destacam-se uma dezena que têm por tema as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria e o Santuário de Fátima, lê-se na notícia da sua morte, publicada na Voz da Fátima de dezembro de 1984, onde este protagonista de Fátima é apelidado de “um dos maiores investigadores de Fátima”.

No final da sua vida, o có-



nego Sebastião Martins dos Reis não hesitou em legar ao Santuário de Fátima o que chamou de “objetologia de Fátima, centrada em Lúcia”.

“Por motivos inesperados de saúde, para sempre abalada, tornou-se impositiva a entrega ao Ver. Dr. António Maria Martins S.J. do Arquivo Documental de Fátima: Cunha Matos - Reis - Martins; e da Objetologia da Vidente de Fátima, centrada em Lúcia, ao Santuário de Fátima”, escreve o sacerdote, na primeira página do seu último livro, onde destaca a “importância e raridade única e fundamental” dos elementos biográficos e museológicos legados.

Sebastião Martins dos Reis faleceu a 27 de outubro de 1984.

BIBLIOGRAFIA DESTACADA

- “Fátima - As suas provas e os seus problemas” (foto acima).
- “Cancioneiro de Fátima”.
- “Hinário de Fátima”.
- “Na órbita de Fátima - Rectificações e achegas”.
- “As pombas da Virgem de Fátima”.
- “História e significado”.
- “O Milagre do Sol e o segredo de Fátima - Inconsequências e especulações”.
- “A vidente de Fátima dialoga e responde pelas aparições”.
- “Síntese crítica de Fátima - Incidências e repercussões”.
- “Uma vida ao serviço de Fátima”.
- “Deus e o Diabo na Quinta do Inferno”.
- “Na órbita de Fátima - Reações e contrastes”.

A PEÇA DO MÊS

MSF, inv. n.º 7209-OUR.II.2520

José Rodrigues (ourives: Manuel Alcino & F.os L.da), 2001

Prata fundida, soldada, modelada, patinada, incisa, batida e recortada; madeira cortada e aparafusada; gemas lapidadas e engastadas.

60,5 x 16 x 15,5 cm (crossa)



Báculo de D. António Marto

O báculo, de prata, é constituído por três segmentos distintos, unidos por rosca, correspondendo o último deles a uma crossa esculpada. A superfície rugosa deste último segmento evoca a textura de uma videira, pela qual se distribuem cachos de uvas, algumas folhas e pequenos enrolamentos. Da base da crossa destaca-se uma cabeça humana que, aos pés do Crucificado, evoca a figura de Maria junto à cruz. Na figuração de Cristo, contrastam a superfície lisa da metade inferior do corpo (tratada à maneira de túnica) e a complexa plasticidade da sua metade superior, a qual, ainda que evocando a anatomia humana, assume uma configuração propositadamente deformada, como é típico do formulário artístico dos Cristos do autor da peça. O braço direito do Crucificado encontra-se pregado a uma pequena trave de madeira que atravessa o arranque do enrolamento característico da crossa, enquanto o esquerdo pende para baixo, num movimento acompanhado pelo rosto da figura. No lado esquerdo do tórax, encontram-se sete gemas vermelhas, alusivas ao sangue emanado da chaga do lado de Cristo. Do enrolamento da crossa pende um cacho de uvas, símbolo da nova vinha que é a Igreja.

Findo o seu episcopado, em 2022, D. António Marto doou o seu báculo ao Santuário de Fátima.

Museu do Santuário de Fátima

Sacrário da Basílica de Nossa Senhora do Rosário

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Gizado por João Antunes (1897-1989), arquiteto que finalizou o projeto da Basílica de Nossa Senhora do Rosário, o sacrário de prata cinzelado em 1952 nas oficinas da Ourivesaria Aliança, no Porto, apresenta uma linguagem deliberadamente arquitetónica e classicizante, formando-se por uma espécie de templete com cobertura piramidal sustentada pela arquitrave e pelas pilastras da ordem coríntia que enquadram os baixos-relevos da autoria de Albano França inscritos nos arcos de volta perfeita. São estes dedicados a quatro temas diretamente relacionados com a Eucaristia, sobre os quais se veem ainda medalhões de

sentido eucarístico: Cristo Bom Pastor (medalhões: Sacrifício de Abraão e Os exploradores da Terra de Canaã), a Multiplicação dos Pães (medalhões: peixe sobre o crísmo e pomba entre símbolos eucarísticos), o Sacrifício de Melquisedec (medalhões: fonte da vida e veado dessedentando-se), as Bodas de Caná (medalhões: pelicano e cordeiro pascal). Nos cunhais do sacrário, abrem-se nichos para receber as esculturas de anjos em adoração de formulação goticizante.

Através de um mecanismo, a cúpula, com a cruz que a coroa, ergue-se em altura para se transformar num baldaquino em ordem à exposição do

Santíssimo Sacramento, saindo da estrutura do sacrário as quatro colunas, também da ordem coríntia, que suportam a cobertura interiormente ornada com a pomba do Espírito Santo, inscrita em caixotão central enquadrado pelos símbolos dos Evangelistas, cinzelados em cada uma das empenas.

O sacrário tem duas portas (anterior e posterior), ambas adornadas no seu interior com desenhos incisos também relativos à Eucaristia e à Igreja que dela se alimenta: ali se vê, por entre a vinha e o feixe de espigas, a Barca de Pedro, a ânfora e a colmeia com as abelhas, erudito símbolo referente à Igreja de Cristo.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Nunca participei numa Jornada Mundial da Juventude. Lembro-me de a criança de 10 anos que eu fui ter ficado a chorar ao ver partir os irmãos com os seus amigos para as jornadas de Santiago de Compostela sem mim. Quando já tinha idade para reivindicar o evento como meu, a geografia e as opções de vida foram-se desencontrando. Mas à minha volta, foram chegando testemunhos de experiências que marcam a vida. Acredito. Só o encontro tem a força de converter.

Há já algum tempo que as próximas jornadas, a acontecerem neste cantinho à beira-mar, estão na agenda das nossas comunidades. Preparar-se para o encontro é alimentar a

O palco

esperança abrindo o coração. Mas as jornadas estão também há já algum tempo na agenda mediática, sobretudo à conta de um palco que custa milhões. Ouviu-se muito falar de justificação das contas, do retorno económico para o país, do investimento numa estrutura que fica. Escapam-me as engenharias e tenho alguma alergia ao jargão económico e político com que estes debates se fazem. Ingenuamente, vem-me à mente um sermão na montanha que termina num festim em que cinco mil homens, fora as mulheres e as crianças, foram alimentados com a partilha de cinco pães e dois peixes. Resisto à ingenuidade, mas a criança de 10 anos que em mim chorou com o desejo de participar nas jornadas teima em recordar-me que o essencial do encontro se encontra noutros palcos.

Curiosamente, nenhum dos testemunhos que ouvi de participantes noutras jornadas mencionaram o palco das celebrações nos seus relatos

emocionados. Espremidas as suas partilhas, estava capaz de jurar que a criança de 10 anos que em mim chorou tem razão: as jornadas não precisam de outro palco do que o encontro na fé e a partilha do simples que somos, do pouco que temos, das esperanças e das ansiedades que carregamos. Mas temo que nem sempre essa inocência juvenil encontre eco na máquina pastoral com que pensamos o quotidiano da igreja. Talvez no fim da festa uma qualquer folha de excel fará o balanço entre o deve e o haver e o sucesso do evento será medido em números e discursos e em fotografias aéreas de multidões. Mas, no final, quando se apagarem as luzes do palco de milhões, o único balanço que conta é o de saber que luz brilhará no coração de milhões de jovens.

Talvez ainda se possa pensar nos palcos que interessam: as famílias que acolhem jovens desconhecidos de outras latitudes, mas irmanados na fé e, por isso mesmo, membros da mes-

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia



© Diocese de Setúbal

Jovens carregam cruz, durante a transição dos símbolos da JMJ entre a Diocese do Porto e Setúbal, no Santuário de Fátima, em Outubro de 2022.

ma família; os projetos pastorais inclusivos que pensam a comunidade eclesial sem barreiras nem fronteiras, promovendo a solidariedade e a justiça social; a dinamização missionária das comunidades instaladas num quotidiano ritualizado; a opção preferencial pelos jovens das periferias existenciais, daqueles que professam a fé nas margens da sociedade; a dinamização de

uma pastoral desinstalada, que propõe uma esperança incarnada e ocupada com as fomes do mundo. Pode ser ingénuo, algo inocente, mas para que interessem umas jornadas da juventude senão para sonhar a aventura de ser igreja com a esperança de uma inocência renovadora? Não será certamente para construir um palco de milhões, mas para fazer de cada coração um palco.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

Kimon Nicolaïdes, artista e professor, na sua obra "The Natural Way to Draw" ensina um exercício elementar, muito conhecido entre os alunos de desenho: o desenho de contornos ou o desenho cego. Ao refletir sobre a necessidade de aprender a observar bem para bem desenhar, ele propõe um exercício que associa o sentido do tato ao da visão. Trata-se, portanto, de observar e desenhar como quem toca o objeto que desenha. Uma vez que o olho está inteiramente ocupado da experiência da volumetria da coisa que observa, e não da aparência da representação, enquanto não houver uma sintonia entre o movimento do olho e o movimento da mão, o resultado apresenta-se desconexo e desconchavado. Contudo, se o exercício for feito com um esforço de autenticidade, o desenho, embora cego, teste-

Exercício de cegueira para ver

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

munha aspetos genuínos da experiência do real.

Eis um valor importante na contemporaneidade: experiência. Mergulhados num mundo tecnológico que nos oferece simulações da realidade cada vez mais perfeitas, produtos "clean", isto é, despidos de acidentes e defeitos, mas também de sabor, de cheiro e das marcas da sua origem, processos de produção e consumo cada vez mais aprimorados, rápidos e indolores, informação cada vez mais fácil, filtrada e "pronta a consumir", em suma, num mundo de abstrações do real, experiência e autenticidade ganham um estatuto de especial importância. A par da "liquidez" e da pressa, sentimos uma nostalgia da origem e do genuíno.

Esta necessidade de tocar a origem, de fazer a experiência do real, sentimo-la também ao nível do religioso e da fé. O efeito de osmose ou a fonte fidedigna já não bastam como outrora para adotar a fé cristã. A fé precisa de ser experienciada para que possa ser sulcada na carne da própria existência a certeza daquilo - ou melhor dito, daquele - em que se põe



fé, podendo vir a dizer como os Samaritanos: «Já não é por causa do que disseste que acreditamos, pois nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o salvador do mundo» (Jo 4, 42). Sem ela, ser Igreja é vazio de sentido.

Em 1980, Karl Rahner afirmava que «o cristão do futuro será místico ou não será cristão». O futuro de que falava Rahner é o momento

presente. Numa sociedade plural, que vai perdendo a literacia religiosa e em que as representações e o discurso crente são recebidos como uma abstração, urge investir nesta experiência do 'tocar' o mistério de Deus. Hoje, como nos inícios da Igreja, torna-se necessário não só anunciar, mas introduzir a esta experiência: «Vinde ver» (Jo 1,46). São necessários mistagogos

que, mesmo com aparência desconchavada, transpareçam a genuinidade de terem tocado e terem sido tocados por Deus, e introduzam a essa experiência do mistério. Afinal, como dizia Bento XVI: «no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte».

“Peregrinar é uma sensação que não se consegue dizer e que se sente de forma diferente. Mas uma coisa que todos temos em comum é a emoção da chegada ao Santuário”

Milhares de peregrinos rumam à Cova da Iria, caminham vários dias, para chegarem junto da Mãe, por ocasião da Peregrinação Internacional de maio.

Cátia Filipe

Os caminhos, as distâncias, as motivações, as condições são tão variadas quanto os peregrinos que se metem ao caminho com um objetivo comum: chegar a Fátima, aos pés de Nossa Senhora.

O ato de peregrinar e as peregrinações ocorrem desde os tempos mais remotos, mesmo nos denominados tempos primitivos em que prevaleciam as práticas ou ritos pagãos. Com os tempos, esta ação foi evoluindo e, hoje, independentemente da idade, da motivação, ou do caminho que se tome, peregrinar é cada vez mais uma prática comum.

A experiência de peregrinar à Cova da Iria, mesmo quando é feita em grupo, tem uma conotação profundamente individual, porque cada etapa acaba por ser um encontro de cada um consigo mesmo. Fátima, que começa por ser meta de chegada, acaba por se transformar em ponto de partida. Bruno Crespo é um claro exemplo. Em tempos foi peregrino de Fátima e, por meio das circunstâncias, hoje dá apoio aos peregrinos que rumam à Cova da Iria, oriundos da zona norte, onde também reside. Este ano, em conjunto com vários amigos, propuseram-se a fazer uma “ação em grande”. “Já é costume dar apoio a um grupo de peregrinos. Lembramo-nos de, em 2022, termos feito uma ação de suporte e de, durante um dia e uma noite, prestarmos apoio aos peregrinos com o fornecimento de alguns alimentos”, conta Bruno Crespo. Este ano, este grupo de amigos falou com várias empresas e conseguiu ajuda e colaboração de forma a prestar o apoio aos peregrinos durante uma semana na zona da Redinha, Pombal”.

“Eu também já fui a pé, e é uma zona em que eu considero que falta apoio; é uma etapa importante do caminho, e, por isso, decidimos reforçar o apoio aqui neste local”, explica. Este apoio permaneceu junto da tenda da Cruz Vermelha. Além das águas, frutas, bolachas, este grupo forneceu sandes de porco no espeto e música a quem ia passando. “Este apoio pretendeu estar disponível 24h para os peregrinos. Convidámos artistas com o intuito de animar alguns



momentos, já que a música tem como objetivo ajudar a relaxar um bocadinho, para os peregrinos aproveitarem o momento e seguirem viagem.

A ida de Bruno Crespo a pé fica agendada para outubro, pois em maio o apoio aos peregrinos foi primordial.

A 5 de maio, orientados por cinco guias, o grupo “Peregrinos de Vila Nova de Famalicão”, caminhou até Fátima durante vários dias.

Marco Silva foi um dos responsáveis, e está envolvido neste projeto há 16 anos. Lembra que a primeira vez que peregrinou à Cova da Iria “foi para agradecer uma graça por motivos de saúde” e, a partir de então, começou a ajudar anualmente, “em jeito de promessa”.

Este ano, o grupo, composto por 100 peregrinos e 22 pessoas que trabalharam em toda organização logística, começou a ser preparado logo em janeiro; e cada detalhe foi tido em conta. “Cada peregrino tem um seguro de viagem, levamos um camião TIR com chuveiros, asseguramos o transporte de malas, garantimos as refeições com a ajuda de um

grupo de cozinheiras, vão conosco enfermeiros, terapeutas, fisioterapeutas, e tudo tem de estar sincronizado”, explica Marco Silva.

Ajuda dos Bombeiros Famalicenses é essencial, como conta Patricia Ribeiro, outra guia do grupo, que colabora na organização da logística do grupo há sete anos.

“Comecei com uma brincadeira, numa conversa de café. Na altura, precisavam de um motorista para uma carrinha, ainda o grupo tinha 30 pessoas, e eu senti-me tão bem naquela envolvência, que nunca mais parei; é um bichinho que vai aumentando”, confessa.

Ao crescer o grupo, cresceu toda a logística inerente e, por exemplo, “a questão do seguro de grupo é cada vez mais importante e é algo de que não se prescinde, bem como a instalação dos chuveiros no camião; é uma forma de criar alguma autonomia no que toca à higiene. Levamos um forno para cozer pão, porque, para uma quantidade tão grande de pessoas, durante tantos dias, nem sempre há a facilidade de conseguir pão. Segue ainda uma carrinha frigorífica para acondicionar

corretamente toda a alimentação”. Cada peregrino contribui com um valor monetário para ajudar a cobrir as despesas.

No ato da partida é entregue a cada pessoa o chamado “Kit do peregrino” que consiste num colete refletor, numa fita com a identificação de cada um e com os contactos da organização, um boné, um pin de identificação, um polo para participar nas celebrações no Santuário, toda a alimentação, apoio e dormidas.

A Associação “Eu Peregrino”, orientada por Fernando Jorge Rodrigues, desde 2009, começou após uma peregrinação a Fátima. Na altura, o grupo conheceu um sacerdote que era guia de peregrinos a pé e decidiu fazer o caminho; nunca mais pararam e vêm anualmente a pé até à Cova da Iria. “Inicialmente fomos inseridos num outro grupo, mas, entretanto, fomos nos apercebendo das dificuldades sentidas em gerir um grupo e, naturalmente, surgiu esta associação”, explica Fernando Jorge Rodrigues. Atualmente são 22 as pessoas que trabalham para que os peregrinos possam ter todas as condições e apoio ao

longo da peregrinação. “Vamos sempre de autocarro, em grupo, a Fátima no mês de outubro, e os trabalhos para preparar a peregrinação começam em dezembro”. Por exemplo, este ano, além dos 100 peregrinos a pé, contaram com uma unidade móvel que os acompanhou, com dois enfermeiros e os bombeiros a darem apoio.

“Tudo isto tem de ser acautelado com tempo, para podermos contactar os espaços que, de alguma forma, nos apoiam com alguns recursos, sejam entidades civis ou mesmo amigos, que, de alguma forma, se associam e prestam algum tipo de suporte”, lembra Fernando Jorge Rodrigues.

É também necessário contactar com tempo os locais onde acontecem as pernoitas para um grupo de tamanha dimensão. Este grupo partiu a 6 de maio de Moimenta da Beira e contou com a missa diária. “Tentamos escolher partes do trajeto com menos movimento para ir rezando o terço”, conta e revela ainda que, “enquanto guias, cabe-nos a tarefa de muitas vezes irmos percebendo os estados de alma, em pequenos momentos, por exemplo, durante as refeições, e ter uma palavra de conforto e ânimo, mas, acima de tudo, é importante o silêncio que advém da escuta”.

“Cada peregrinação é única, seja pelo estado físico ou emocional”, reitera Fernando Jorge Rodrigues, dizendo ainda que “Peregrinar é uma sensação que se tem e que não se consegue dizer, e cada indivíduo sente a peregrinação de uma forma diferente; e quem está envolvido nos trabalhos sente ainda de um outro modo, mas uma coisa que todos temos em comum é a emoção da chegada ao Santuário; sentimos, mas não conseguimos explicar as emoções”.

A emoção é muitas vezes o compasso que marca o passo destas pessoas que, tantas vezes, deixam as suas casas por uns dias e fazem do seu coração morada, para viverem um momento único e pessoal. Apesar de tantas vezes as dores físicas se confundirem com as dores espirituais, chegar a Fátima, ao colo da Mãe, é a meta comum a todos os peregrinos.

“Sentimos que nos santuários estamos a regressar aos tempos monásticos, que eram os centros da educação, da fé e da aprendizagem, e onde se pode sentir em casa com a sua própria fé”

O padre Richard Gibbons visitou no final do mês de abril o santuário de Fátima. O reitor do Santuário de Knock, na Irlanda, veio em busca de uma parceria mais intensa com o santuário de Fátima. Une-os sobretudo a vocação eucarística presente em ambos os espaços. Mas também a vocação para a Paz: “Os Santuários são a versão moderna disso: espaços onde as pessoas podem vir, serem católicas e normais”.

Numa entrevista ao jornal Voz da Fátima, o sacerdote fala sobre a missão dos Santuários na Nova Evangelização e o papel no diálogo ecuménico e inter-religioso.

Carmo Rodeia

O que aconteceu no dia 21 de agosto de 1879??

Na noite de quinta-feira dia 21 de agosto, às 20h00, alguns aldeãos viram uma luz na empena da igreja, da igreja paroquial. Existiam algumas pequenas casas à volta naquele tempo. Todos viram uma luz. Então as pessoas vinham de suas casas e questionavam-se: o que se passa na igreja? Um agricultor andava no seu campo e pensou que a igreja estava a arder. Era tão brilhante. Vinham de vários lugares e viram as imagens. Toda a aldeia veio ver. Viram as imagens de Nossa Senhora, São José, São João Evangelista, um



altar, um cordeiro, uma cruz e o que descreveriam mais tarde como figuras evangélicas. É uma visão muito complicada e complexa. O que é peculiar é que todos podiam ver. Não se destinava apenas a alguns, como aqui em Fátima às três crianças, ou em Lourdes a Santa Bernadette, mas a todos. Assim, todos os que podiam ver, vinham. A visão durou duas horas e nada foi dito, nenhuma

mensagem foi deixada. Estava a chover, mas a área à volta da aparição estava seca e a empena estava seca. Foi o que viram naquele serão.

E como é que se espalhou a notícia?

Ficaram conhecidas quase de imediato, porque foram noticiadas em todo o mundo anglófono: na

Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e no espaço de um ano houve até uma peregrinação de um arcebispo da Tasmânia, ou seja, do outro lado do mundo, em 1879, que veio a Knock; viajou durante dias para vir a Knock naquele tempo... Espalhou-se, portanto, muito rapidamente. Toda a diáspora irlandesa na América, na Austrália e Grã-Bretanha, soube muito rapidamente e começaram a vir.

Como acaba de referir, nada foi dito. Como é que isso foi interpretado e como é que hoje a Igreja interpreta essa presença silenciosa?

Agradeço a Deus por isso! O facto de Nossa Senhora não ter falado significa que a própria mensagem de Knock nos chega através da complexidade da própria aparição. Temos Maria, São José, protetor da Igreja, São João Evangelista, pregando a Palavra de Deus (aparece com um livro na mão) e a Eucaristia que é o coração e o centro da aparição. Maria encontra-se de lado e as três figuras; o coração no centro é a Eucaristia, o Cordeiro, a cruz e o altar. Knock é um santuário eucarístico e mariano. A complexidade leva a perceber que há muita teologia: temos as Escrituras, os sacramentos, São José em termos de proteção da Igreja e figura paternal, e claro Nossa Senhora, a nossa Mãe.

E no seu entender a dimensão eucarística é a principal e essencial dimensão da mensagem?

Temos também a nossa temporada, como aqui em Fátima, a partir da Páscoa até meados de outubro. A nossa festa é no dia 21 de agosto, que é a data aniversária da aparição. Em agosto temos uma novena nacional. Todo o país vem a Knock para os nove dias da novena, com oradores convidados e tudo isso. Todos os fins-de-semana, são dias particularmente movimentados. Há muitas pessoas que veem durante a semana. Temos missas diárias, rosários e procissões. É bastante movimentado, mas com a Covid, fechamos tudo. Os números do ano passado foram bastante bons. Normalmente teríamos 1 milhão, 1,2 milhão de pessoas por ano, principalmente irlandeses e de

origem irlandesa vindo da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, a diáspora.

Quais as semelhanças do seu santuário com o Santuário de Fátima?

Knock e Fátima são bastante semelhantes; é por isso que estou aqui. Semelhante até mesmo na geografia pois Knock é parecido com Fátima. Em Knock temos o que eu chamo de casa das máquinas, que são os nossos confessoriais. Há muitas confissões em Knock. Temos um grande espaço dedicado às confissões, a capela da Reconciliação, com 50 confessoriais. Muitas pessoas veem a Knock para se confessarem. Julgamos que há ainda semelhanças no recinto para procissões e também no que as pessoas procuram, simplesmente paz e sossego, onde não sejam incomodadas e possam simplesmente ser e viver a sua espiritualidade da forma que entenderem.

Temos a convicção de que muitas pessoas vêm a Knock por causa dos espaços verdes que temos, que são muito bonitos. Mas, depois quando chegam e mesmo que não tragam intenções concretas, acabam por se deslocar aos confessoriais e é ali que acontecem os milagres, o milagre da conversão

É curioso ouvir isso porque os santuários são hoje um espaço extraordinário para dinâmicas de fé, novas dinâmicas de fé. Há pessoas que há mais de 20 anos não se confessam e quando chegam, sentem essa necessidade e vão. Os santuários espalham sementes de fé. Apesar de haver algumas semelhanças, são igrejas diferentes; vemos as dioceses e as paróquias. Como pode ser a sua missão evangelizadora?

Há um organismo de santuários nacionais da Europa, ao qual pertencemos, Fátima e Knock. Estas leituras dão ideias e é por isso que estou aqui. Conheço o P. Carlos Cabecinhas há alguns anos e trocámos ideias. Vim a Fátima para descobrir o que se passa aqui, o que está a acontecer, para ter um olhar diferente de volta à Irlanda em termos de



OPINIÃO

Manuel Pinto

Professor aposentado da Universidade do Minho; editor do jornal digital Sete Margens.

Nos 60 anos da Pacem in Terris O grande desafio de educar para a paz

programação. Sentimos que nos santuários estamos a regressar aos tempos monásticos, que eram os centros da educação, da fé e da aprendizagem, e onde de poder sentir em casa com a sua própria fé. Os santuários são a versão moderna disso: onde as pessoas podem vir e serem católicas e normais. Os santuários podem ser os recursos para as pequenas paróquias e dioceses, podem estar disponíveis como recurso para a fé e construir a fé. É aqui que vejo os santuários a trabalharem bem em conjunto.

É possível haver um diálogo com outras religiões e assegurar que os santuários podem estabelecer e enfatizar esse diálogo de uma forma ecuménica, com outros cristãos, mas também com outras religiões como os muçulmanos ou judeus?

Simplesmente fazendo o convite. Em Knock existe uma grande comunidade muçulmana numa paróquia vizinha de Ballyhaunis. Tínhamos uma boa relação e temos alguns muçulmanos que vêm e dão um passeio pelo Santuário, que consideram um lugar sagrado. Deixamos do lado deles se querem ou não se envolver. Temos uma boa relação com os nossos vizinhos anglicanos e protestantes na diocese, apesar de serem poucos; a maioria das pessoas na Irlanda dizem-se católicas, podem não serem praticantes, mas pelo menos dizem-se católicos. A prática dominical reduziu muito. Mas, entre religiões, há muitos valores comuns; há que ser criativos, mas fazer o convite. Se é aceite, muito bem; se não, muito bem na mesma.

E, isto é pacífico para as pessoas, os peregrinos, terem um diálogo com outras religiões?

Não será assim tão comum em Knock, mas quando fazemos o convite a proximidade dá-se. Foi o que aconteceu em 2018, com a visita do Papa Francisco. Convidei representantes da comunidade muçulmana de Ballyhaunis e vieram. Para ocasiões como estas, talvez. Normalmente as pessoas que vêm a Knock são católicas. Algumas vêm por curiosidade, conhecer o lugar. Mas o lugar está lá e estamos abertos a isso.

E, como referi, trata-se de fazer o convite e, se é aceite, é ótimo.

Nossa Senhora não disse nada, mas deixou uma mensagem em Knock. Que tipo de mensagem é para os dias de hoje?

Penso que seja uma mensagem de boas-vindas: veio à Knock e, quando apareceu, os seus olhos ergueram-se em oração. Portanto, as mensagens: uma de oração, uma de interação com os sacramentos, como a Eucaristia, que é o coração e o núcleo da nossa fé católica, e não esquecer a Escritura e a Palavra de Deus. De um modo geral, então: o Senhor protege-nos, e temos o exemplo de São José, e podemos afirmar que quando Nossa Senhora apareceu trouxe consigo a família: Ela e São José; Ela e João, seu filho adotivo e o cordeiro de Deus que representa Jesus; portanto, a vida familiar é muito importante na mensagem que Nossa Senhora trouxe. Por isso, o fortalecimento da família, a oração, a Eucaristia e a Sagrada Escritura, suponho que é essa a combinação da mensagem.

Qual é o lugar do Santuário na vida da Igreja irlandesa?

Julgo que o Santuário terá um lugar cada vez mais importante na vida da Igreja na Irlanda, porque enquanto Santuário comprometemo-nos em torná-lo mais acessível às pessoas. Alguns irlandeses não sabem nada sobre Knock. Cresceram nas suas famílias e não há fé; não vão à missa, não praticam. Não lhes falam de Knock. Mas tentamos sempre a lembrar que este é um lugar onde podem vir; este é um lugar seguro, calmo, pacífico, de oração... se quiserem fazer a experiência, estamos aqui e essa é a mensagem, simplesmente. Porque as pessoas que não são praticantes também vêm. Queremos transmitir a mensagem, como aqui: estejam à vontade, estejam em paz. Na verdade, no Evangelho foi o que Jesus disse no cenáculo: a paz esteja convosco; estejam em paz; tranquilos; venham. Não vos forcamos a ir à missa, a confessar ou a fazer o que quer que seja, mas deixem que seja Deus a fazer a obra; deixem que seja Deus a operar, e Deus operará através do santuário e através das pessoas, e nunca se sabe, podem acontecer milagres.



FOTO © DR

Quando, há 60 anos arrancava em Roma o Concílio Vaticano II, convocado de forma surpreendente pelo Papa João XXIII, o mundo viu-se à beira de uma crise que o poderia ter levado a um (novo) conflito entre os dois grandes blocos – o soviético e o americano (ocidental). O pretexto foi a chamada crise dos mísseis que Khrushchev pretendia instalar em Cuba.

João XXIII, de forma veemente, apelou ao diálogo e os desenvolvimentos do caso deram-lhe a ideia de lançar um apelo aos dirigentes do mundo e a todas as pessoas de boa vontade que fossem construtores da paz.

Para o Papa, não bastava nem satisfazia a paz da chamada “guerra fria” entre blocos. A sua voz profética desafiou o mundo para uma “paz na terra” que não assentasse na acumulação e no equilíbrio dos armamentos. Uma paz sólida entre as nações apenas subsistiria se assentasse na confiança mútua. E foi assim que nasceu, em abril de 1963, a encíclica *Pacem in Terris*. Que, ainda hoje, é um documento essencial do magistério da Igreja.

Muita coisa aconteceu depois disso, nomeadamente a derrocada do regime soviético e a libertação de povos e regiões que esse regime dominava.

Houve quem acreditasse que, com esse acontecimento, que marcou o final do século XX e do milénio, a humanidade tinha chegado a um patamar de paz e desenvolvimento que auguravam um futuro melhor para todos. Mas o que tivemos, e te-

mos tido, foi a instalação de um capitalismo neoliberal à escala global, apoiado nas novas plataformas e redes tecnológicas, que agravou as desigualdades entre os povos e no interior das sociedades, e desencadeou novos focos de tensões e de guerras.

Hoje, todos nos apercebemos que o mundo se tornou perigoso para a maioria dos seus habitantes. As novas desigualdades e ameaças como as mudanças climáticas forçaram milhões de pessoas a deixar os seus locais de vida, a enfrentar riscos tremendos para buscar segurança e ocupação em paragens tidas como mais promissoras.

As nossas sociedades estão-se a tornar progressivamente mais fechadas sobre si, a desprezar os diferentes, que precisam de uma mão amiga, a extremar as suas divergências e diferenças, esquecendo que todos somos irmãos e ninguém está a mais na vida.

E eis que todos fomos surpreendidos de novo pela guerra na Europa, decorrente da invasão da Ucrânia pelas tropas russas, num quadro de recomposição de posições e equilíbrios internacionais. Não uma guerra das que seguimos meio desinteressados e distantes pelas imagens televisivas, mas uma guerra que nos afeta e implica e que tem consequências à escala global, sobretudo para os setores mais pobres.

O que julgávamos garantido afinal treme e pode regredir. A guerra, cada vez mais destruidora, continua a ser forma para

procurar resolver problemas. E este conflito em concreto está a levar os países e os blocos em que se agrupam a aumentar o investimento público e privado no complexo militar-industrial e na produção de armas, desguarnecendo a aposta noutros setores socialmente prioritários.

No entanto aquilo de que os países, os povos e as sociedades precisam não é de conflitos, de crispções e polarizações artificialmente alimentadas, mas de diálogo, de justiça e de paz. E é crucial que o tema da paz surja cada vez mais nas iniciativas dos políticos e nas agendas dos meios de comunicação.

A paz começa e acaba no interior de cada um(a) e nos espaços da vida quotidiana. Mas ela não cresce se não for cultivada. As escolas e as famílias podem contribuir de forma muito significativa nessa grande tarefa humana e política, que é educar para a paz.

Os cidadãos, as famílias, as comunidades e movimentos cívicos, incluindo os religiosos, podem ter um papel fundamental de pressão para que as políticas se orientem para a paz e não para guerra.

E vale sempre a pena recordar que a paz é muito mais do que a ausência de guerra. Como explicava o Papa Francisco, em 2022, “a paz que Jesus nos dá na Páscoa não é a paz que segue as estratégias do mundo, que acredita obtê-la pela força, pelas conquistas e pelas várias formas de imposição. Essa paz, na verdade, é apenas um intervalo entre guerras. A paz do Senhor segue o caminho da mansidão e da cruz: é cuidar dos outros”.

“A paz esteja convosco” é a mensagem pascal do Ressuscitado. Claro que, em tempos de armas nucleares, é preciso a revestirmo-nos da força da esperança para afirmar que a guerra nunca foi, não é e nunca será caminho para a humanidade. É para a paz, feita de justiça e de respeito pela dignidade de cada pessoa, que nos temos de voltar. É da paz que temos de cuidar. É para a paz que faz sentido haver mobilização.

Retiro quaresmal do Secretariado Diocesano de Beja

António Louro | Secretariado Diocesano



O Secretariado Diocesano de Beja do Movimento Mensagem de Fátima (MMF) promoveu no pretérito dia 11 de março, um retiro Quaresmal para uma preparação espiritual dos mensageiros, e aberto a outros cristãos que desejaram preparar o seu caminho em direção à Páscoa. A jornada de oração decorreu no Seminário Diocesano da cidade de Beja com a presença do Assistente Diocesano do MMF, o padre Daniel Guerreiro; foi orador o padre Hugo Gonçalves, pároco da vila de Ourique, que desenvolveu o tema: “Os Pasto-

rinhos e a Eucaristia”.

Depois de uma breve saudação aos presentes e de um apelo ao silêncio e à interiorização do que Deus nos quer imprimir no coração, refletiu-se, então, sobre o valor dado por Santa Jacinta e São Francisco Marto à presença do Senhor Jesus na Sagrada Eucaristia.

Num particular momento da vida eclesial, em que se verifica um afastamento de muitos cristãos da vivência dominical e/ou diária, foi assinalado, pelo orador, o grande amor que os videntes manifestavam por Jesus

presente na hóstia consagrada. Recordou, ainda, as palavras de um paroquiano do patrono dos presbíteros, S. João Maria Vianney, que dizia «Eu olho para Ele e Ele olha para mim». Era esta relação de proximidade, de olhar e de se deixar olhar, que S. Francisco Marto tinha; comovido perante o Mistério, em atitude de contemplação, fazia silêncio, contemplava. Também a sua irmãzinha manifestava grande amor ao Jesus “escondido”, de quem tinha muitas saudades no leito da sua doença.

Com que sentido faziam estas

duas crianças esta Adoração? Faziam-na verdadeiramente, no sentido da reparação dos males cometidos por tantos pecadores, sempre por amor a Deus e nunca por medo. O padre Hugo Gonçalves sublinhou, precisamente, a necessidade de evitarmos, a todo o custo, o pecado que ofende a Deus, e incentivou os presentes à mesma atitude dos Pastorinhos que afirmavam não querer cometer mais nenhum pecado. Com esta disposição, não se estranha a configuração sempre maior com Jesus Cristo por parte dos videntes que, ali-

mentando-se d’Ele, se tornavam cada vez mais n’Ele.

Depois desta reflexão, os participantes do Retiro prepararam-se e viveram um momento de Adoração Eucarística com uma meditação também ela conduzida pelo orador convidado.

Terminada a manhã, e depois do almoço, iniciou-se a segunda parte do Retiro com a oração do Terço (Mistérios Dolorosos) e a possibilidade do Sacramento da Reconciliação.

A jornada concluiu-se em ambiente de alegria, com a celebração da Eucaristia.

Dia de Deserto, em Oração e Penitência

Diác. Alfredo Serra | Assistente Diocesano



Com a graça de Deus, na alegria e excelsa piedade quaresmal, mais de duas centenas de peregrinos da diocese de Portalegre-Castelo Branco e algumas dezenas da diocese de Setúbal, apesar da chuva anunciada, compareceram no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, pelas 9h00 do dia 18 de março, para fazer a experiência do Dia de Deserto, em Fátima.

Iniciado o Encontro na Capelinha das Aparições, para ali se fazer a saudação à mãe, diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário, passou-se para a concentração junto à Cruz Alta, onde se deu início à recitação do terço em caminhada penitente até à entrada do Caminho dos Pastorinhos. Seguiu-se depois a Via-Sacra em espírito de oração e penitência,

dando-se lugar ao silêncio e à contemplação nos momentos próprios da caminhada entre estações, só quebrado pelos cânticos litúrgicos do tempo quaresmal.

Ao jeito dos Pastorinhos, fez-se uma refeição frugal, no ambiente campestre do Calvário Húngaro ou na simplicidade do lugar de Aljustrel, junto aos autocarros.

Pelas 14h00, o padre Daniel Mendes, Assistente Nacional do Movimento Mensagem de Fátima (MMF), expôs o Santíssimo Sacramento, a que se seguiu a Adoração orientada pelo Diác. Alfredo Serra, assistente do MMF na diocese de Portalegre-Castelo Branco, que procedeu também à reposição do Senhor no Sacrário. Durante os quase 100 minutos de Adoração, estiveram disponíveis quatro presbíteros para atender

os penitentes em confissão dos pecados e na reconciliação com Deus misericordioso.

O Dia de Deserto concluiu-se com a celebração da Santa Missa, presidida pelo padre Daniel Mendes, que, na sua homilia, se centrou na misericórdia, que mais agrada a Deus do que os sacrifícios (Oseias, 6, 1-6), e nos modos de oração, do fariseu e do publicano, narrados no Evangelho de Lucas, aludindo também ao valor da oração, da penitência e da contemplação, ao jeito dos Pastorinhos, o que é bem explícito na mensagem de Fátima como meio de conversão, na justificação da fé cristã.

De coração cheio e os sentidos da fé renovados, os participantes neste Dia de Deserto regressaram às suas casas.

PEREGRINAÇÃO NACIONAL DO MOVIMENTO

Secretariado Nacional do MMF



O Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) irá realizar a sua Peregrinação Nacional ao Santuário de Fátima, como acontece habitualmente no terceiro fim de semana do mês de julho. Convidamos todos os mensageiros a peregrinar até ao regaço da Mãe, nos dias 15 e 16 de julho.

A família Mensageira tem na Peregrinação Nacional do MMF um dos momentos fortes de encontro com Deus e com os irmãos, em família.

Reaprendamos, com os Pastorinhos, a sermos mais fiéis ao querer de Nossa Senhora e ao cumprimento da vontade de Deus. Peregrinar até Fátima é sempre oportunidade de crescer, de abrir a alma e o coração. É tempo de sentirmos a vontade de estarmos juntos para poder-

mos celebrar a fé e rezarmos em conjunto, de sentirmos a beleza da espiritualidade comunitária, de reencontrarmos o sentido das coisas e da vida. É tempo favorável para que sintamos a urgência e a pressa de Maria que se “levantou e partiu apressadamente” (cf. Lc 1, 39).

Em termos de alojamento e refeições, podem contar com a ajuda do Secretariado Nacional, ligando para o Sr. Manuel Bispo, Tel: 232 738 130 / Tlm: 917 262 013 que ajudará na logística da peregrinação. Que todos os mensageiros sintam e aproveitem esta peregrinação anual como um tempo de revitalização e renovação do compromisso com Maria, nossa guia e companheira na missão de levar a sua Mensagem a todos.

Doentes de Leiria-Fátima fazem retiro em Fátima

Faustino Ferreira | Secretariado Diocesano

Os doentes da diocese de Leiria-Fátima tiveram a oportunidade de fazer o seu retiro em Fátima, entre os dias 23 e 26 de março. Neste encontro de reflexão estiveram presentes doentes de diversas paróquias, nomeadamente de Albergaria dos Doze, Amor, Bajouca, Espite, Leiria, Marinha Grande, Santa Catarina da Serra e São Mamede.

Após um período em que, por motivos diversos, o Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) de Leiria não pode realizar o habitual retiro de doentes, foi uma felicidade e uma graça poder voltar a proporcionar um momento de encontro, de reflexão e de oração, para e com os doentes, na terra que Maria escolheu para transmitir a sua mensagem aos nossos queridos Pastorinhos.



Foram 43 os doentes que marcaram presença no Retiro, aos quais se juntaram cinco voluntários diocesanos, três servitas

e a equipa médica, constituída pelo Dr. João Silvino e pela Enf.ª Imelda Duarte.

Ao longo destes três dias in-

tensos, houve tempo para conviver, para rezar (destaca-se a oração do terço e a procissão da velas), para visitar os túmu-

los dos Pastorinhos na Basílica de Nossa Senhora do Rosário e para visitar e conhecer melhor a Basílica da Santíssima Trindade. Neste ponto, as explicações do padre. Daniel Mendes, Assistente Nacional do MMF, revelaram-se um importante contributo para o aprofundamento das mensagens inscritas nas diversas imagens e relevos dispersos pelo templo.

A alegria do encontro foi tal que, no momento da despedida, foram diversos os doentes que, com olhar agradecido, perguntavam pela data do próximo retiro.

A todos os que estiveram presentes física e espiritualmente, fica o nosso agradecimento e o pedido à Nossa Mãe do Céu que a todos nos abençoe e proteja.

Crianças com lume no peito

Equipa Nacional do Setor Infantil do MMF

Nos dias 25 e 26 de fevereiro, na Casa de Retiros de Nossa Senhora das Dores, realizou-se o 12.º Encontro Nacional de Formação para Responsáveis Diocesanos e Paroquiais do Setor dos Pequenos Mensageiros, do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF), respondendo, desta forma, ao pedido do Papa Francisco que nos diz: – “é urgente ensinar as crianças a rezar”. Participaram neste Encontro cerca de 30 mensageiros, provenientes de diversas dioceses: Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Lamego, Portalegre-Castelo Branco, Coimbra, Beja e Algarve.

Sob o tema “Crianças com lume no peito”, o Encontro contou com a colaboração da Responsável Nacional do Setor da Oração, Ana Maria Carvalho, e teve como principal objetivo proporcionar a todos os participantes um tempo rico de formação e vivência da Adoração Eucarística.

O dia de sábado foi dedicado a diversos momentos de formação, numa perspetiva de questionar cada participante sobre a sua vida interior e a sua relação com Deus por meio da oração. No Setor Infantil do MMF, os mensageiros responsáveis são a ponte entre as crianças e o Senhor Sacramentado, pelo que, fortalecer o grande alicerce desta ponte, a oração, é fundamental.

A formadora destacou a pedagogia divina revelada pelo Anjo aos pequenos pastores como ponto fulcral de preparação e vivência da oração e adoração na sua vida e explicou que a pedagogia divina se centra em quatro fases: o olhar, os gestos, o silêncio



e as palavras.

A Missão foi outro dos temas abordados, pois é o culminar da nossa escuta, conhecimento, aprendizagem e vivência da Mensagem. A oração tem de levar à ação, a missão tem de ser preparada pois ser mensageiro é deixar-se transformar, é ter a mente e o coração próximos. A Mensagem de Fátima é mais do que um porto de abrigo, é um “desassossego”, porque nos leva à conversão interior. A Missão do mensageiro alimenta-se da oração, ela é a nossa fonte. Daí a necessidade da preparação mais cuidada dos

responsáveis, porque as crianças veem Deus através da vida e do testemunho dos mais próximos.

O período da tarde foi dinamizado pela Responsável Nacional do Setor Infantil dos Pequenos Mensageiros, Cátia Inês, que partiu do exemplo dos Pastorinhos, também eles crianças, que se deixaram envolver pela luz e pelo amor misericordioso de Deus, por intermédio do Anjo e de Nossa Senhora, sentindo o ‘lume no peito’ a queimar e a fazê-los gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria. Esta espiritualidade vivenciada pelas três

crianças, pastores e videntes é a prova da importância de levar a Mensagem de Fátima às crianças do nosso tempo.

A Responsável Nacional concluiu, referindo que o trabalho pastoral junto das crianças e adolescentes é de grande relevância. Como mensageiros responsáveis, é em nós que deve estar o desejo de Deus e de meter no coração de toda a gente, em particular das crianças, esse “lume” que ardia no peito de Santa Jacinta e a fazia “gostar tanto do Coração de Jesus e do Coração de Maria”.

No final da tarde, o grupo de

mensageiros participou numa Adoração Eucarística, preparada e orientada pela Responsável do MMF da Zona Sul, Carmo Coelho.

O dia de domingo iniciou com a oração da manhã, orientada pela responsável da Zona Norte, Arminda Silva. Unimos a nossa oração à Jornada Mundial da Juventude, que se realizará este ano em Lisboa, de 1 a 6 de agosto, e refletimos sobre o tema da Jornada, “Maria levantou-se e partiu apressadamente”, à luz da Mensagem de Fátima.

O Encontro terminou com a celebração da Eucaristia, presidida pelo Assistente Espiritual do MMF, padre Daniel Mendes que, durante a homilia, desafiou à renovação interior e deixou uma interpelação: como estamos a viver e a testemunhar a Mensagem de Fátima, que é o próprio Evangelho, com os grupos de Pequenos Mensageiros? Assim como refere S. Lucas (Lc 1, 39), “Maria levantou-se e partiu apressadamente para a montanha, para casa de sua prima, Isabel...”, também nós cristãos, mensageiros e responsáveis devemos ter este desejo de irmos ao encontro dos outros, levando a Mensagem de Fátima, sem medo nem hesitação, mas com alegria e entusiasmo.

Fortalecidos pelo que recebemos nestes dois dias, ficamos também nós com “lume no peito”, como disse Santa Jacinta Marto, pequena em estatura e idade, mas gigante na vivência e no testemunho das verdades essenciais da fé cristã.

Padre Carlos Cabecinhas reconduzido como reitor do Santuário de Fátima

Decreto de nomeação foi publicado a 27 de abril. Nomeação é válida pelo período de cinco anos.

Cátia Filipe



O padre Carlos Cabecinhas foi reconduzido, no passado dia 27 de abril, para um novo mandato como reitor do Santuário de Fátima, através de decreto publicado pela diocese de Leiria-Fátima. O presbítero “exercerá as suas funções segundo a Lei da Igreja e em comunhão com o bispo diocesano, com os direitos e deveres próprios do seu cargo, de acordo com os Estatutos e o Regulamento em vigor”.

Esta nomeação tem efeitos a partir da data deste decreto e é válida pelo período de cinco anos. No Decreto de Nomeação, D. José Ornelas Carvalho, bispo da diocese

de Leiria-Fátima, escreve: “o Senhor abençoe este Seu Presbítero no desempenho da sua missão, a fim de que, imitando a atitude de Maria, Sua Mãe, esteja sempre à escuta da Palavra de Deus, meditando-a no seu coração, acolha com o materno carinho da Senhora de Fátima os Peregrinos que a Ela se dirigem e aponte a todos o caminho da conversão ao amor de Deus, do serviço aos irmãos e do anúncio do Evangelho aos que o não conhecem”.

O padre Carlos Cabecinhas foi nomeado, pela primeira vez, em abril de 2011, substituindo no cargo o padre Virgílio Antunes,

então promovido a bispo, com a atribuição da titularidade da diocese de Coimbra.

Carlos Cabecinhas, presbítero da diocese de Leiria-Fátima é doutorado em Liturgia no Pontifício Ateneu de Santo Anselmo (Roma), foi professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e no Instituto Superior de Estudos Teológicos de Coimbra. Na visita de Bento XVI a Portugal, em maio de 2010, foi diretor nacional das celebrações presididas pelo Papa. A tomada de posse como reitor do Santuário de Fátima aconteceu a 11 de junho de 2011.

Vem para o meio vai proporcionar férias a crianças e jovens com deficiência e aos seus pais

Iniciativa volta a realizar-se sem os constrangimentos vividos nos últimos anos devido à pandemia

Cátia Filipe



A iniciativa Vem para o meio, inspirada nas palavras de Jesus (Mc 3, 3), destina-se a proporcionar, a título gratuito, em primeiro lugar, uns dias de férias a pessoas com deficiência e aos seus pais um tempo de descanso, às vezes o único no ano, no qual poderão ficar ou não com os seus filhos, com a colaboração de um grupo de voluntários ao qual estes ficam entregues.

Esta ação, promovida pelo Santuário de Fátima com o apoio da Congregação dos Silenciosos

Operários da Cruz, decorre no Centro Francisco e Jacinta Marto, na Estrada de Minde, em Fátima. O programa prevê diversos momentos e atividades culturais, de convívio, de celebração e de lazer, como a visita ao Santuário de Fátima, aos Valinhos e à Praia das Rocas, em Castanheira de Pera.

Esta iniciativa, já na sua 15.^a edição, destina-se apenas a pessoas que não se encontram institucionalizadas.

Para este ano estão previstos três turnos: de 16 a 22 agosto (dos

7 aos 21 anos, inclusive); de 25 a 31 agosto e de 2 a 8 setembro.

Em 2022, participaram 120 pessoas com deficiência e 53 cuidadores/familiares, com o apoio de 87 voluntários.

O programa foi iniciado em 2006, com um grupo de cerca de 40 pessoas. No total estima-se que já tenham participado nesta iniciativa, que envolve o Santuário e os Silenciosos Operários da Cruz, 800 pessoas.

As inscrições decorrem até ao dia 10 de junho.

Jovens desafiados a peregrinar com Virgem Peregrina rumo à JMJ 2023

Iniciativa #AndaComMaria decorre de 27 a 31 de julho, ao longo de 140km, em parceria com o Corpo Nacional de Escutas

Cátia Filipe



#AndaComMaria é uma iniciativa que desafia os jovens a peregrinar, durante cinco dias, ao longo de 140km, num percurso que vai ligar Fátima a Lisboa, de 27 a 31 de agosto.

Esta jornada, em parceria com o Corpo Nacional de Escutas, e sempre na presença da Imagem n.º 2 da Virgem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, é feita num modelo de procissão que atravessa várias localidades, dando corpo ao mote deste encontro de jovens: “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39). O andor de Nossa Senhora de Fátima é levado aos ombros na travessia dessas

localidades e de carro, em marcha lenta, em outros momentos.

A Imagem sai do Santuário de Fátima a 27 de julho, seguindo por Minde, Alcanena, Pernes, Santarém, Morgado, Valada, Azambuja, Vila Franca de Xira, chegando a Lisboa, a 31 de julho.

O último troço é feito em modo marítimo, sendo o andor de Nossa Senhora de Fátima transportado numa embarcação da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, escoltada por pescadores, particulares, escuteiros marítimos e Marinha Portuguesa.

Em todo este percurso, estão previstos momentos de oração, de silêncio, de canções, de partilhas, de festa, no estilo próprio do movimento escutista, onde todos os jovens serão muito bem-vindos. Todas as noites, na presença da Imagem n.º 2 da Virgem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, está previsto um momento de vigília aberto a toda a comunidade.

As inscrições são obrigatórias e estão disponíveis no site <https://jmj23.escutismo.pt/anda-com-maria/>.

Via Lucis musicada

A primeira Via Lucis musicada para coro, solistas, grande órgão e percussão foi apresentada em concerto, na tarde de 16 de abril, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. A estreitar a obra esteve o ensemble vocal Moços do Coro, sob a direção do maestro Nuno Miguel Almeida. A composição, composta por Eugénio Amorim, sob uma compilação de textos bíblicos de D. Carlos Azevedo, narrou diversos episódios da ação de Cristo após a Sua morte e ressurreição. Neste concerto da Páscoa do Santuário de Santuário de Fátima participaram também o organista João Santos e os percussionistas Daniel Moreira e Marcelo Pinho.



16 de Abril

Igreja pediu perdão às vítimas de abusos sexuais

Uma Missa por intenção das vítimas de abusos sexuais foi celebrada pelos bispos portugueses, a 20 de abril, na Basílica da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. A presidir à celebração esteve o presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), D. José Ornelas, que, na homilia, reconheceu a “enormidade destruidora da violência e do abuso”, assim como a “absoluta necessidade de a Igreja se colocar ao lado de quem sofre”, reiterando o pedido de perdão às vítimas de abusos sexuais e apontando um caminho de renovação “para além da dor, da justa revolta e da injustiça”.



20 de Abril

XIII Encontro de Coros Infantis no Santuário de Fátima

Foram três os coros que participaram no XIII Encontro de Coros do Santuário de Fátima, no dia 25 de abril, na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Além da Schola Cantorum Pastorinhos de Fátima (na foto), dirigida pelo maestro José Leite, coro residente do Santuário, participaram o Choeur d'enfants de la Maîtrise Chalonnaise Saint Charles, com a direção de Thibaut Casters e os Jovens Cantores de Guimarães, dirigidos por Janete Costa Ruiz. Este encontro terminou com uma música interpretada pelos três coros.



25 de Abril

“Da Cova da Iria ressoa o eco da boa nova da Ressurreição que nos anima na esperança da vitória do bem sobre todas as guerras”

Padre Joaquim Ganhão presidiu à missa da Peregrinação Mensal de abril, na qual participaram, de forma especial, os presbíteros ligados ao Movimento dos Focolares

Carmo Rodeia

“Acolher a boa nova da Ressurreição não é apenas uma profissão de fé individual que se faça de forma ritualizada, mas um mandato para os cristãos se fazerem ao mundo anunciando essa boa nova e com ela transformar o mundo num lugar de paz, onde o bem é mais forte do que o mal”, afirmou no dia 13 de abril o diretor do Departamento de Liturgia do Santuário de Fátima na homilia da missa da Peregrinação Mensal de abril que evoca as aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria: “É a certeza de que Cristo vive e está no meio de nós, é esta certeza de fé que vence o mundo, que nos cura, que dá sentido à nossa vida e que nos salva”, disse, salientando que esta certeza nos impele a uma vida nova. “Não é uma forma meramente ritual, mas é uma certeza da nossa fé: o Senhor está aqui, está conosco, anima a nossa vida e não nos falta. Deu-nos uma vida nova onde a fraternidade, comunhão, a unidade, o perdão e a paz não são miragens, mas realidades que nos tocam, nos empenham

e permitem vencer a hipocrisia do mundo que nos entra em casa”. “Ancorados nessa certeza da fé, podemos construir uma Igreja que seja verdadeiramente a comunidade do Ressuscitado, comunidade que vive a unidade e a fraternidade do Evangelho, onde é possível a verdade e a justiça, o acolhimento saudável e seguro de todos, o abraço tenro de quem não tem medo de assumir o estilo de Jesus; uma Igreja com coração e atenta às necessidades de todos”, especificou. “Será pela fé que todos havemos de deixar que o nosso coração se converta” e conduza “a fazermos as mesmas maravilhas que os apóstolos fizeram”.

Nesta celebração em que participaram vários grupos, entres eles um grupo diocesano de Viseu e outro grupo de padres diocesanos pertencentes ao Movimento dos Focolares, o P. Joaquim Ganhão lembrou, ainda, que na Cova da Iria “ressoou o eco desta boa notícia confiada pela mãe do Céu aos Santos Francisco e Jacinta Marto e à Serva de Deus, Lúcia de Jesus”.

“A Senhora mais brilhante irradiou aqui a Luz do Ressuscitado na qual os Pastorinhos se viram envolvidos. Desde então, a Cova da Iria haveria de se tornar um lugar de luz e Ressurreição até ao dia de hoje”, disse o liturgista.

“É a luz da fé que se acende no coração de cada peregrino que escuta a mensagem e se deixa ressuscitar por caminhos novos de conversão ao Evangelho; a luz que ilumina a Igreja e a purifica na penitência para se configurar cada dia mais ao Senhor Ressuscitado; a luz que nos anima na esperança da vitória do bem sobre todas as guerras e todo o mal; a luz que nos permite reconhecer que aqui temos mãe, uma mãe com o coração”, concluiu.

“Celebremos a vitória do Senhor, mesmo quando as portas do coração e as do mundo em que vivemos parecem fechadas”, exortou, ainda, apelando à esperança “sem medo, sem hesitações e sem cautelas” para que se possa construir uma Igreja “pobre de meios, mas rica em amor”, à imagem do Ressuscitado.



Visitas Temáticas à exposição temporário contaram com mais de 2500 participantes

Primeiro serão formativo foi conduzido pelo Cardeal D. António Marto

Cátia Filipe

Ao longo dos últimos cinco anos, o Santuário de Fátima tem levado a cabo visitas temáticas às exposições temporárias.

Esta iniciativa, que se realiza na primeira quarta-feira do mês, entre maio e outubro, e que pretende proporcionar uma experiência mais enriquecedora resultante da interpretação dos conteúdos desenvolvidos nas exposições temporárias, é orientada pela Secção de Arte e Património do Museu do Santuário de Fátima, com o objetivo de levar o visitante, seja peregrino, seja investigador, seja turista, a apreender melhor o sentido da narrativa e dos objetos expostos.

A primeira visita temática deste ano pastoral aconteceu a 3 de

maio e foi orientada pelo Cardeal D. António Marto, que refletiu sobre a carta apostólica “O Rosário da Virgem Maria”, do Papa João Paulo II.

A 7 de junho, Purificação Reis, Presidente da ACISO – Associação Empresarial Ourém-Fátima, irá abordar o tema “Terços e Rosários: as mãos que os fazem no território de Fátima”; a 5 de julho, Ana Bonifácio, arquiteta e artista plástica, falará acerca de “Salterium: sobre a criação, sobre a execução e sobre a exposição” e, a 6 de setembro, Ana Lima-Netto, arquiteta e artista plástica, acerca de “In Paradisum: sobre a criação, sobre a execução e sobre a exposição”; a última visita temática será conduzida pela artista plás-

tica Joana Vasconcelos e detese-se sobre “Suspensão: sobre a criação, sobre a execução e sobre a exposição”.

A exposição “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória” percorre os quatro mistérios do Rosário, através de uma narrativa que convida à contemplação desta oração mariana, que é uma das dimensões mais estruturantes da mensagem de Fátima.

Segundo Marco Daniel Duarte, diretor do Museu do Santuário de Fátima, e comissário da exposição, esta mostra “foi pensada também para os inúmeros jovens que virão a Fátima por altura da Jornada Mundial da Juventude, a fim de que o Santuário de Fátima possa apresentar este tema fun-

damental que é a oração do Rosário, oração pedida, segundo os videntes de Fátima, pela Virgem Maria”.

“As visitas pretendem explicar temas que a exposição trata através dos objetos expostos e que merecem maior detença, pelo que chamamos diferentes especialistas para trabalhar essas temáticas e as explorarem em ambiente de tertúlia, ao serão, no final de um dia de trabalho”, acrescentou, lembrando que a abordagem será, assim, “menos académica e mais cultural para atingir os diferentes tipos de público”. Segundo os registos, ao longo dos cinco anos que esta iniciativa já tem, passaram por estas visitas temáticas cerca de 2500 pessoas.

Os peregrinos e outros visitantes “têm manifestado muito agrado ao ver esta exposição, apreciando as diferentes escalas em que se encontra trabalhado o tema do Rosário”. “Apreciam, também, o acompanhamento que os Técnicos dos Serviços Educativos fazem durante a visita à exposição, o que lhes permite aproximarem-se mais da história de cada peça e do discurso global da exposição que coloca diante dos peregrinos a importância de rezar o terço para alcançar a paz”, lembra Marco Daniel Duarte.

Já sem os condicionalismos da pandemia, para além da intervenção do orador convidado, haverá também a visita guiada à exposição pelo seu Comissário.

Pacem in Terris: um grito mais atual do que nunca, como na mensagem de Fátima

Encíclica de João XXIII completa 60 anos. Problema do nuclear volta a fazer soar campainhas na guerra da Ucrânia.

Carmo Rodeia

Completou-se no passado dia 11 de abril o 60.^o aniversário da assinatura da encíclica *Pacem in Terris*, na qual João XXIII, conhecido como o “Papa Bom”, escrevia: “entre os homens do nosso tempo existe a persuasão de que as eventuais controvérsias entre os povos devem ser dirimidas com negociações e não com armas”. O seu grande receio era que o conflito entre as duas grandes superpotências de então – os Estados Unidos da América e a União Soviética – que se tinha agudizado em outubro de 1962, com a crise dos mísseis de Cuba, terminasse com o uso de armas nucleares que conduziria necessariamente à destruição de todo o planeta. Por isso, fez um veemente apelo à paz juntos dos dois principais decisores – John Kennedy e Nikita Krushev –, que estendeu a todo o mundo, com este documento.

Hoje, a posse destas armas é ainda maior que outrora, e há uma guerra, que não é fria e que já dura há mais de um ano entre duas potências nucleares, no coração da Europa: a Rússia e a Ucrânia.

O Papa Francisco destacou, no dia do aniversário do referido documento, a sua atualidade salientando que “foi uma verdadeira bênção, como um vislumbre de serenidade no meio de nuvens escuras”, e pediu orações pela “Ucrânia martirizada”.

“O Papa (João XXIII) abriu perante todos o amplo horizonte no qual se pode falar de paz e construir a paz, o plano de Deus para o mundo e a sua família humana”, disse Francisco, sobre São João XXIII e o seu documento, no final da audiência pública semanal de quarta-feira, dia 12 de abril. Francisco citou uma passagem da encíclica, o número 114: “As mútuas relações internacionais, do mesmo modo que as relações entre os indivíduos, devem disciplinar-se não pelo recurso à força das armas, mas pela norma da reta razão, isto é, na base da verdade, da justiça e de uma ativa solidariedade”.

O Papa convidou os fiéis e os homens e mulheres de boa von-

tade a lerem *Pacem in Terris*, e a rezarem para que os líderes das nações possam ser corajosos: “[...] Com a mão na consciência, ouçam o grito angustiado que de toda parte da terra, das crianças inocentes aos idosos, dos indivíduos às comunidades, sobe ao Céu: Paz! Paz! [...] Suplicamos a todos os governantes que não fiquem surdos a este grito de humanidade [...]”.

A Paz universal é um bem que diz respeito a todos indiscriminadamente. Na mensagem de Fátima, a Paz é um dos eixos fundamentais. Embora nos testemunhos e narrativas originais não nos tenha chegado qualquer tratado teológico sobre o assunto, a verdade é que a par da oração, da penitência e da

conversão, a Paz aparece como elemento transversal. Desde logo no contexto da herança do século XIX, no que respeita a movimentos e tendências antirreligiosas, a guerra que dominava a Europa há um ano ou o contexto emergente na Rússia, com a afirmação progressiva de uma ideologia que apelava à construção do Homem Novo, que não precisava de Deus, foram suficientes para que a questão da Paz fosse hoje uma realidade identificada, estudada e refletida na mensagem de Fátima. Até porque ela aparece desde a primeira aparição à última, isto é, desde as aparições do Anjo – “Não temais. Sou o Anjo da Paz, orai comigo...” – até à consumação da terceira parte

do Segredo, e aparece relacionada com temas tão diversos como a recitação do terço, a visão do Inferno, a conversão dos pecadores, o fim da primeira guerra mundial, a conversão da Rússia ou o martírio do “bispo vestido de branco”.

O pedido insistente de Nossa Senhora para que os Pastorzinhos rezassem o terço todos os dias, para alcançar a Paz no mundo e o fim da guerra, ou a promessa de que a guerra iria acabar, se a Rússia se convertesse, revelam bem como o tema da Paz é transversal a toda a Mensagem.

O mais fundamental de tudo é que a Paz aparece na mensagem de Fátima como um plano de Deus para o mundo. E, por isso, não é algo que seja só competência de uns quantos governantes e poderosos, mas que é dever de todos, na certeza de que a Paz passa pela capacidade de diálogo, de comunicação e de partilha de valores, como a liberdade.

No dia 13 de abril de 1963, Domingo da Ressurreição, João XXIII fala da Paz e cita a sua necessidade 30 vezes, deixando um apelo: “Ilumina os governantes dos povos para que, ao lado da sua justa preocupação pelo bem-estar dos seus irmãos, possam garantir e defender o grande tesouro da paz; ilumina o desejo de todos para superar as barreiras que dividem, para fortalecer os laços da caridade mútua, para estar prontos para compreender, para ter pena, para perdoar”.

Na ocasião explicou, também, que tinha decidido publicar na Quinta-feira Santa a encíclica *Pacem in Terris*, para simbolicamente a relacionar com a mensagem de Jesus aos discípulos no Cenáculo – “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz” –. A partir daí, como o próprio haveria de confessar, “a aspiração por uma paz justa, da qual somos hoje felizes testemunhas, penetrou na mente e no coração de todos, indistintamente, mas com uma ênfase mais marcada, ao que parece, dentro das classes trabalhadoras”.



Jovem pede o fim da guerra na Ucrânia, numa manifestação em Berlim.
 FOTO © Matti Karstedt | www.pexels.com

O mundo Em Fátima

A paz e a liberdade religiosa

Neste mês, ecoando bem viva ainda a exultação pascal, este olhar sobre a paz e a liberdade religiosa alonga-se até Jerusalém. Foi uma Páscoa difícil, como se depreende das palavras de Pierbattista Pizzaballa, Patriarca Latino da Igreja-mãe, considerando as circunstâncias políticas em Israel: “A frequência dos ataques, as agressões, tornou-se algo de novo. Estas pessoas sentem que estão protegidas... que a atmosfera cultural e política pode agora justificar, ou tolerar, ações contra os cristãos”.

Numa declaração conjunta, os patriarcas e responsáveis das diferentes Igrejas cristãs presentes na Cidade santa denunciam a situação que se agrava: “a escalada de violência envolveu a Terra Santa. Os cristãos locais, em particular, têm sofrido cada vez mais adversidades [...] algumas das nossas igrejas, procissões fúnebres e locais de reunião pública tornaram-se alvos de ataques; alguns dos nossos locais sagrados e cemitérios foram profanados; e algumas das nossas antigas liturgias, como a Procissão do Domingo de Ramos e a Cerimónia do Fogo Sagrado, foram encerradas a milhares de fiéis. Isto apesar dos nossos acordos para cooperar com as autoridades governamentais e para satisfazer quaisquer pedidos razoáveis que estas possam apresentar”.

Na sua homilia da Missa do Domingo de Páscoa, o Patriarca Latino de Jerusalém aprofunda e alarga a reflexão sobre os factos: “A violência contra os nossos lugares e símbolos cristãos é apenas uma expressão da violência mais generalizada que caracteriza o nosso tempo e que se encontra em todo o lado. Em vez de tentarmos construir relações, perspectivas comuns de crescimento e desenvolvimento, em vez de nos reconhecermos como parte de uma única sociedade, promovemos exclusões e rejeições. A política, em vez de procurar alcançar a unidade, de promulgar o bem comum, parece querer mergulhar-nos num turbilhão de divisões cada vez maiores, sobre tudo: não só entre israelitas e palestinianos, mas também entre israelitas e entre palestinianos. É cada vez mais incapaz de uma visão que crie perspectivas e um futuro. Mesmo no plano religioso, a suspeita, os estereótipos e os preconceitos parecem ter hoje a voz mais poderosa”.

Sim, a violência é realidade em todo o lado. Mas, em Jerusalém, a Cidade onde a Páscoa se diz “aqui”, fere de modo singular.

8.ª Edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima irá refletir sobre a temática da peregrinação

Iniciativa está agendada para os dias 5, 6 e 7 de julho de 2023, em Fátima

Cátia Filipe



A 8.ª Edição dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima irá refletir sobre a temática da peregrinação. Esta iniciativa está agendada para os dias 5, 6 e 7 de julho de 2023.

A peregrinação “é um dos eixos estruturantes do fenómeno de Fátima e claramente uma das suas marcas mais icónicas”, considera Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima e coordenador dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima. “Desde 1917 que, atraídos pela “boa notícia” de Fátima, miríades de homens e mulheres se fizeram peregrinos da Cova da Iria, conferindo a Fátima um estatuto muito importante entre os lugares de peregrinação do mundo contemporâneo”, acrescenta o responsável, que afirma ainda que “o ato de peregrinar nunca saiu de moda”.

São milhares de peregrinos aqueles que diariamente chegam à Cova da Iria, e, assim, “continua a fazer sentido o ato de peregrinar”, sendo um tema atual. Durante este tempo de formação, serão apresentados

alguns estudos sobre a temática.

“É importante perceber o fenómeno de Fátima no contexto geral da peregrinação e como este fenómeno se torna tão importante em Fátima, desde a primeira hora”, disse Marco Daniel Duarte em declarações ao jornal Voz da Fátima. Os arquivos “trazem sempre novidades, pelo que este Curso será uma oportunidade de reflexão sobre esta matéria tão importante”.

Do programa constam aulas de D. José Ornelas Carvalho, bispo de Leiria-Fátima; padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima; Maria José Azevedo Santos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Maria Isabel Roque, da Universidade Católica Portuguesa; Marco Daniel Duarte, diretor do Museu do Santuário de Fátima; Maria da Graça Poças Santos, do Instituto Politécnico de Leiria; Sónia Vazão, do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima; Agripina Vieira, do Centro de Formação “Os Templários”, Joaquim Franco, jornalista na TVI; Maria Calado, do Centro Nacional de Cultura;

Lisete S. M. Mónico, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Para além dos tempos de formação, os participantes do Curso poderão integrar as visitas de estudo aos diferentes espaços do Santuário de Fátima que mais estão relacionados com a prática da peregrinação, prevendo-se visitas à Basílica da Santíssima Trindade, Capela do Santíssimo Sacramento, Capela da Reconciliação, Recinto de Oração, Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Colunata, Capelinha das Aparições e Lava-pés.

O Departamento de Estudos do Santuário de Fátima tem promovido, com periodicidade anual, os Cursos de Verão a pensar nos investigadores que pretendam estudar o fenómeno de Fátima. Em 2022, a temática incidiu sobre Jacinta Marto e contou com mais de 100 formandos, oriundos de várias áreas do saber.

As inscrições poderão ser feitas através dos canais oficiais do Santuário de Fátima.

AGENDA

maio

19 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
25 qui	RETIRO DE DOENTES (25-28)
26 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
27 sáb	TERÇO JMJ 2023 ENCONTRO DA VISITAÇÃO Formação para voluntários do Santuário

junho

2 sex	LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
3 sáb	PRIMEIRO SÁBADO
4 dom	ENCONTROS NA BASÍLICA III
7 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “Rosarium: Alegria e Luz, Dor e Glória – O Rosário como caminho para a Paz”
9 sex	PEREGRINAÇÃO NACIONAL DAS CRIANÇAS LECTIO DIVINA PREPARATÓRIA DO DOMINGO (aberta a toda a comunidade)
10 sáb	PEREGRINAÇÃO NACIONAL DAS CRIANÇAS

Consulte a última edição do boletim internacional online Fátima Luz e Paz em www.flp.fatima.pt.

Editado trimestralmente em sete línguas, o Fátima Luz e Paz constitui um eixo de conexão entre o Santuário de Fátima e o Culto de Nossa Senhora de Fátima no Mundo.



FÁTIMA LUZ e PAZ

A Jornada Mundial da Juventude “marcará a vida do Santuário ao longo deste novo ano pastoral, com a presença do Papa em Fátima”

Padre Carlos Cabecinhas apresentou plano pastoral para 2023 no Coordenamento Pastoral de Peregrinação Italiana (CNPPI), em Fátima

“Maria levantou-se e partiu apressadamente”
de Carlos Cabecinhas

“O tempo que passa a ser o tempo da paz... a paz que se vive no Santuário de Fátima... a paz que se vive no mundo...”

“A Jornada Mundial da Juventude é um momento de grande importância para o Santuário de Fátima... a paz que se vive no Santuário de Fátima... a paz que se vive no mundo...”